

e-fabulations

*e-journal of children's
literature*



e-f@bulações

Revista eletrónica de literatura infantil

Edited by Filomena Vasconcelos

Ficha técnica :

Title/ título: e-fabulations/ e-fabulações. E-journal of children's literature/ Revista eletrónica de literatura infantil.

Editor/ organizador: Filomena Vasconcelos

Editorial board/ Comissão editorial: Filomena Vasconcelos / Maria João Pires

Editorial Assistants/ Assistentes editoriais: Ana Teresa Magalhães (FLUP) / Cláudia Morais (FLUP)

Editorial Assistant for English Language Texts / Assistente Editorial para Textos em Inglês: Abbye Meyer (Univ. Connecticut, USA)

Periodicity/ Periodicidade: semestral

Nº 9 – julho de 2012

Publicação da Biblioteca Digital da FLUP

Local: Porto

ISSN: 1646-8880

Capa: Filomena Vasconcelos sobre ilustração de Catalina Gómez (*O Sonho Passou, Deixando Fiapos*)

Apoio Técnico: Carlos Silva

e-f@bulations / e-f@bulações – journal of Children’s Literature
Revista Eletrónica de Literatura Infanti

e-f@bulations/ e-f@bulações is a refereed international e-journal of scholarly research in the field of literature for childhood and youth. It is published in English and Portuguese twice a year (Spring-Summer and Autumn-Winter) as part of the Digital Library of the *Faculdade de Letras da Universidade do Porto*(FLUP), Portugal, with ISSN: **1646-8880**.

Hosted by the Department of Anglo-American Studies (DEAA) of FLUP, the journal aims at providing a space for the publication of studies on a wide spectrum of topics related to literary themes on childhood and youth, in a broad variety of genres, from the most traditional and conventional ones to memories, journals and comics. Comparative approaches between literature, cinema, cartoon animation and the visual arts (e.g. in book illustration or other) are also contemplated.

In its interdisciplinary design the journal therefore welcomes contributions on all subjects within the general literary and cultural field of childhood and youth, from any country, culture or civilization, any historical period, as well as from any individual or collective experience.

e-f@bulations/ e-f@abulações is a pluralist publication with no ideological affiliation and open to proposals and perspectives from all research methodologies.

Prior to publication, all contributions are to be submitted to the Editorial Committee of the journal for peer-reviewing, and are assumed to be unpaid. It is furthermore understood that authors submit only original articles which are not at the same time being submitted to other journals.

The Editorial Committee reserves also the right to invite distinguished scholars to contribute to the journal.

Each issue comprises two main sections (though exceptions may occur):

- 1- Critical essays on the thematic areas above described;
- 2- Creative writings for children or youths – e.g. short narratives, plays, poems, comics or others. These texts should be all original and not previously published, whether in printed or digital form.

Editor: Filomena Vasconcelos

Editorial Committee: Filomena Vasconcelos /Maria João Pires

Editorial assistants: Ana Teresa Magalhães, Cláudia Morais

Editorial Assistant for English Language Texts: Abbye Meyer

ÍNDICE

Table of Contents

I- GALERIA

Exposições/ Exhibitions

Leonor Alvim Brazão

Retalhos de Cortiça

Miguel Tanco

Birds

2- TEXTOS

Ensaaios /Essays

Lúcia Helena Lopes de Matos

...QUEM NÃO CONHECE LYGIA BOJUNGA?

A obra de Lygia Bojunga e as estratégias de motivação da leitura

Contos para crianças / Stories for Children

Renata Gil

A Dinossaura Salomé

Ilustrações de Evelina Oliveira

Francisco Rogido

O sonho passou, deixando fiapos

Ilustrações de Catalina Gómez

Leonor Tenreiro

A menina que gostava do fim das festas

Inês Silva (versão inglesa)

The girl who liked the end of parties

Ilustrações de Eugénia Nobati

Isabel Pereira Leite

Póis!

“Fantasia” – Ilustração de Filomena Vasconcelos

Comissão Editorial / Editorial Committee

Autores / Authors

GALERIA

Exposições

Exhibitions

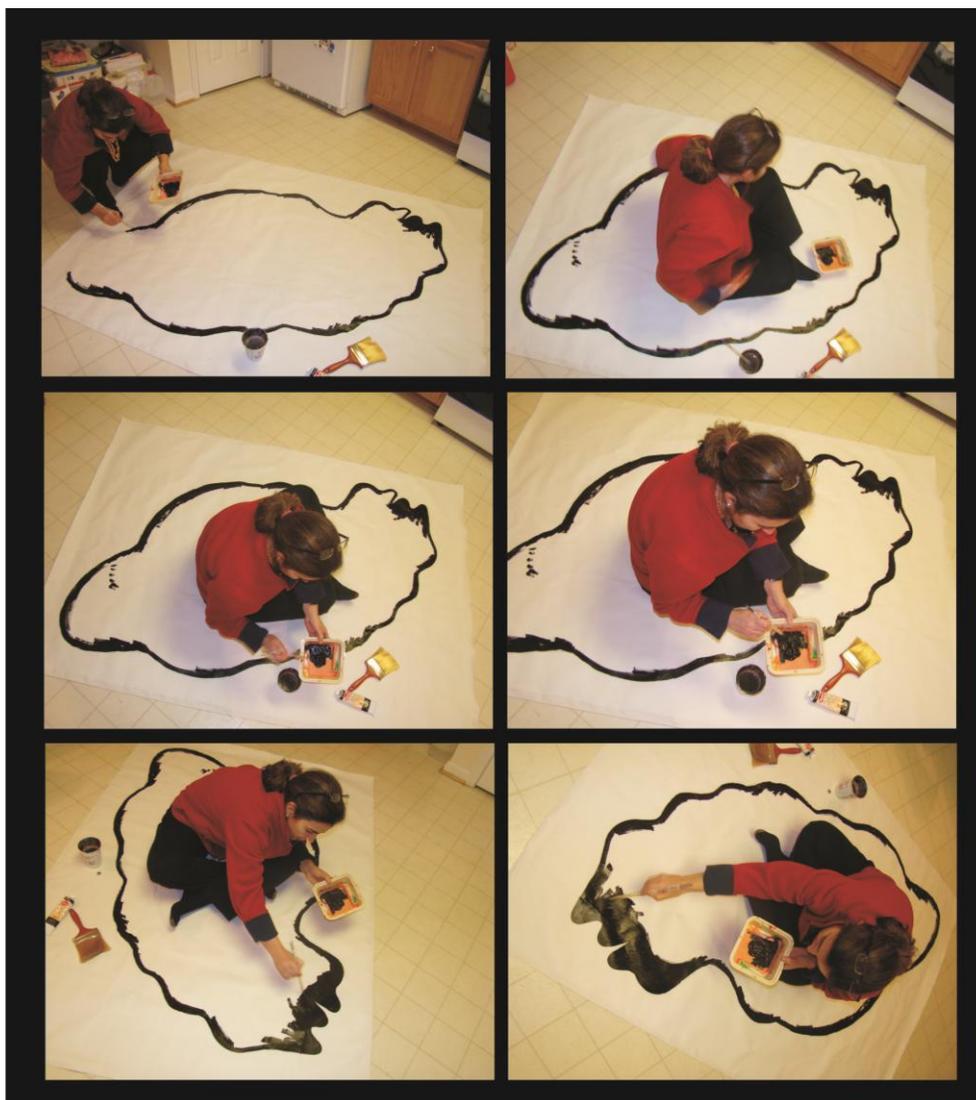
RETALHOS DE CORTIÇA



leonor Alvim Brazão

*Fazes a renda de manhã
E fazes a renda ao serão
Senão fazes senão renda,
Que fazes do coração?*

Fernando Pessoa



Processo criativo

E o coração está onde nascemos, onde encontramos a nossa origem, a nossa raiz. Após ter sido exposta a três culturas, três nacionalidades a procura da identidade é uma constante.

Essa procura traduz-se numa série de trabalhos inspirados por elementos da cultura portuguesa. Procuo nas minhas memórias momentos, emoções e símbolos que expressem a minha essência. Símbolos estes inspirados em corações de filigrana, redes de pescadores, galos de Barcelos, texturas das rendas, bordados e elementos da arquitectura que se repetem e transformam em mandalas vindas de um lugar sagrado.

O estilo minimalista e o uso de linha contínua revela a procura de simplicidade mas sem com isso perder a complexidade. A presença do feminino é uma constante nas telas, uma marca que faz-nos lembrar do papel importante da mulher na passagem de tradições entre gerações. A predominância do preto é a cor do fado, o som da nossa alma, a cor do luto de quem espera aquilo que não vem mais, a cor das tunas académicas, a cor das vestes das mulheres do campo, mas também a cor da noite e da elegância.

No fim, sou apenas uma contadora de histórias, da minha história e das personagens que cruzam o meu caminho e que tomam forma na minha imaginação.

*Fazes a renda de manhã
E fazes a renda ao serão
Senão fazes senão renda,
Que fazes do coração?*

Fernando Pessoa



Metamorphose I,II,III,IV

Our heart is where we were born, where we find our origin, our roots. After being exposed to three different cultures, three nationalities, the search for my identity is constant in my life. That search is illustrated in a series of artworks inspired by the Portuguese culture.

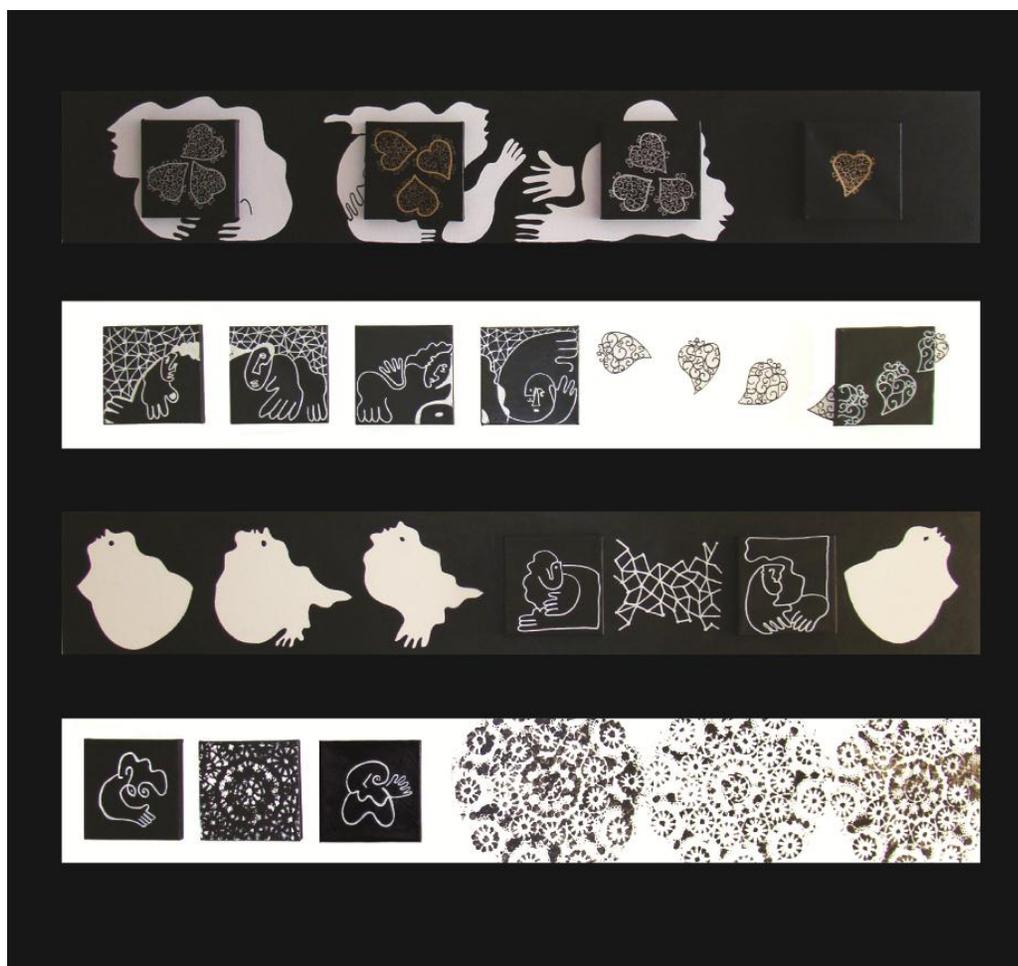
I search within my memories for feelings, emotions and symbols that express my essence. Those symbols are inspired by filigree, fisherman nets, roosters from Barcelos, textures from laces, embroidery and architectural elements that are repeated and transformed in mandalas that come from a sacred space.

The Minimalist style and the use of a continuous drawing line reveal the search of simplicity in my journey but without losing its complexity. The presence of feminine elements is constant in my work, a symbol of the women's role on the teaching of traditions to new generations. The predominance of the color black is the color of Fado, the sound of the Portuguese soul, the color of sorrow and grief from people who wait for what is not coming back, it's also the color of the academic "tunas", the color of the peasant vests, but also the color of the night and elegance.

At the end, I am just a story teller; I tell my story as well as the story of the people who cross my path which shapes my imagination.



Preto no Branco I,II,III,IV



Memórias I,II,III,IV



Diversidade



Cortiça



Raíces

Ficha Técnica:

Série Memória

Ano 2010/2011

Raízes

Acrílico em tela

1,19 m x 1,62 m cada

Preto no Branco I, II, III, IV - 4 telas

Acrílico em tela

Cada 15cmx122cm

Memórias I, II, III, IV - 4 telas

Acrílico em tela

28cmx 35.5 cm cada

Diversidade - 20 telas

Técnica Mista em tela

20 telas – total 74 cm x 79cm

Metamorfose I, II, III, IV- 4 telas

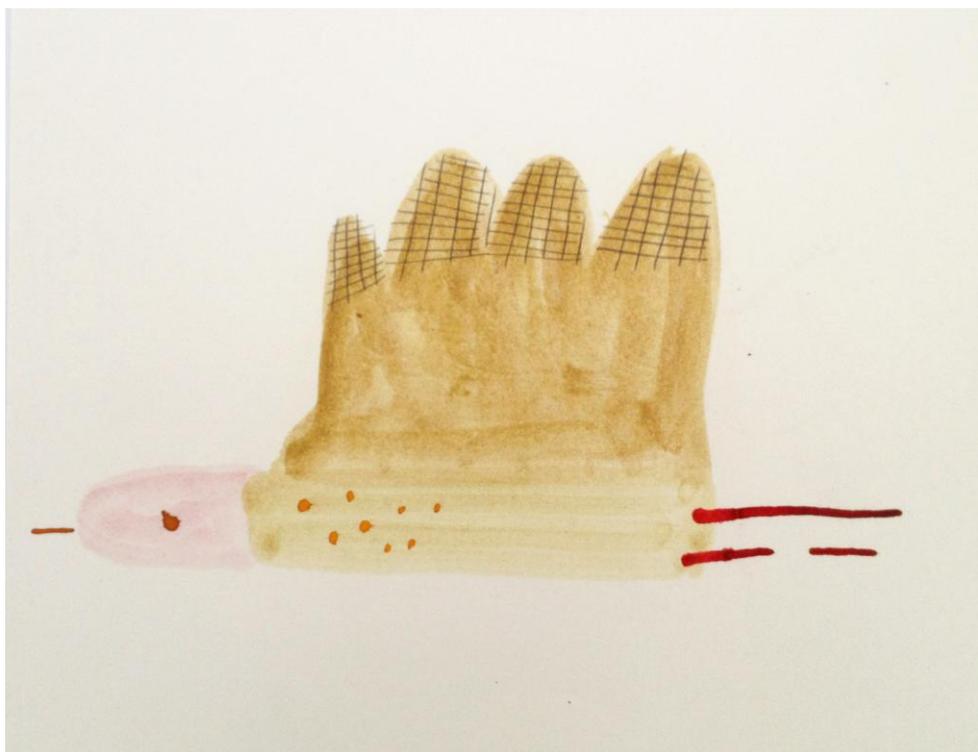
Acrílico em tela

23 cmx 30.5 cm cada tela

Cortiça - 12 painéis

Acrílico em cortiça

30.5 cmx 30.5 cm cada



B

I

R

D

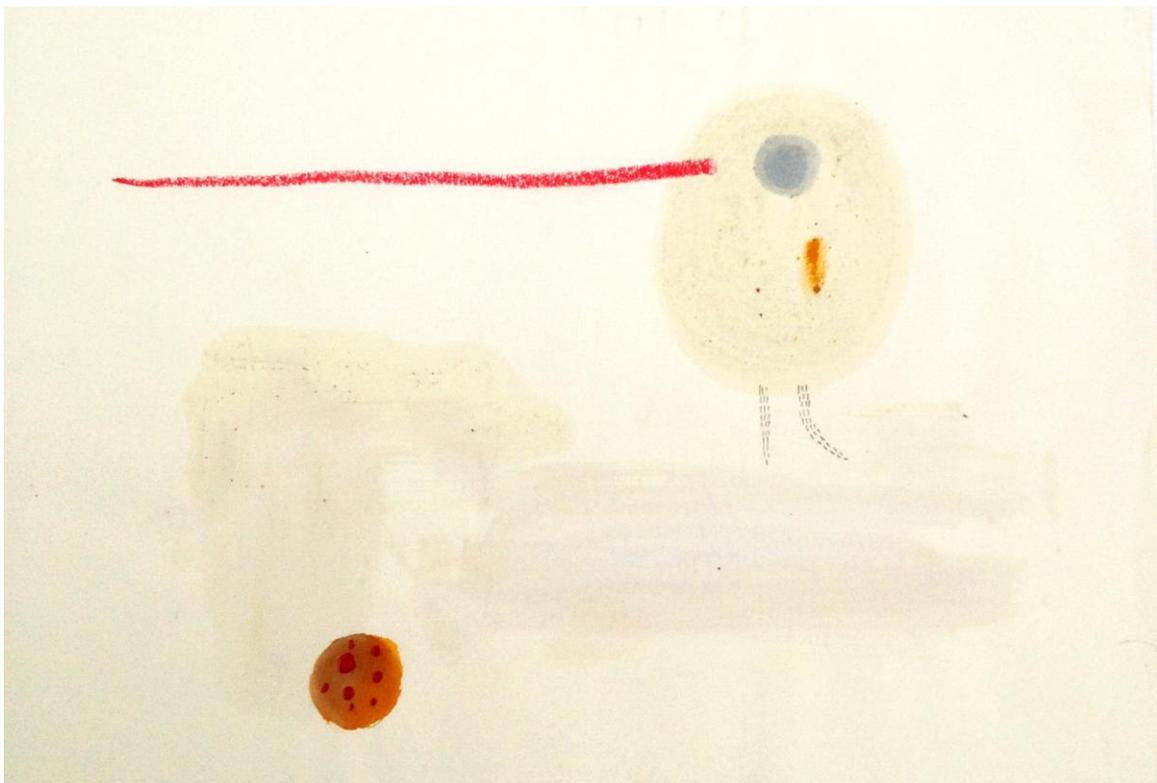
S

Miguel Tanco

Sometimes, to charge myself, I stop doing the techniques that I usually do and I try to explore new ways with materials and shapes. I use birds or animals to find a new technique because it allows me to try different experiments but still to have a consistency with the subject. At the end, after doing a lot of them, I keep the best work and try to use it in my projects.

Miguel Tanco, June 2012



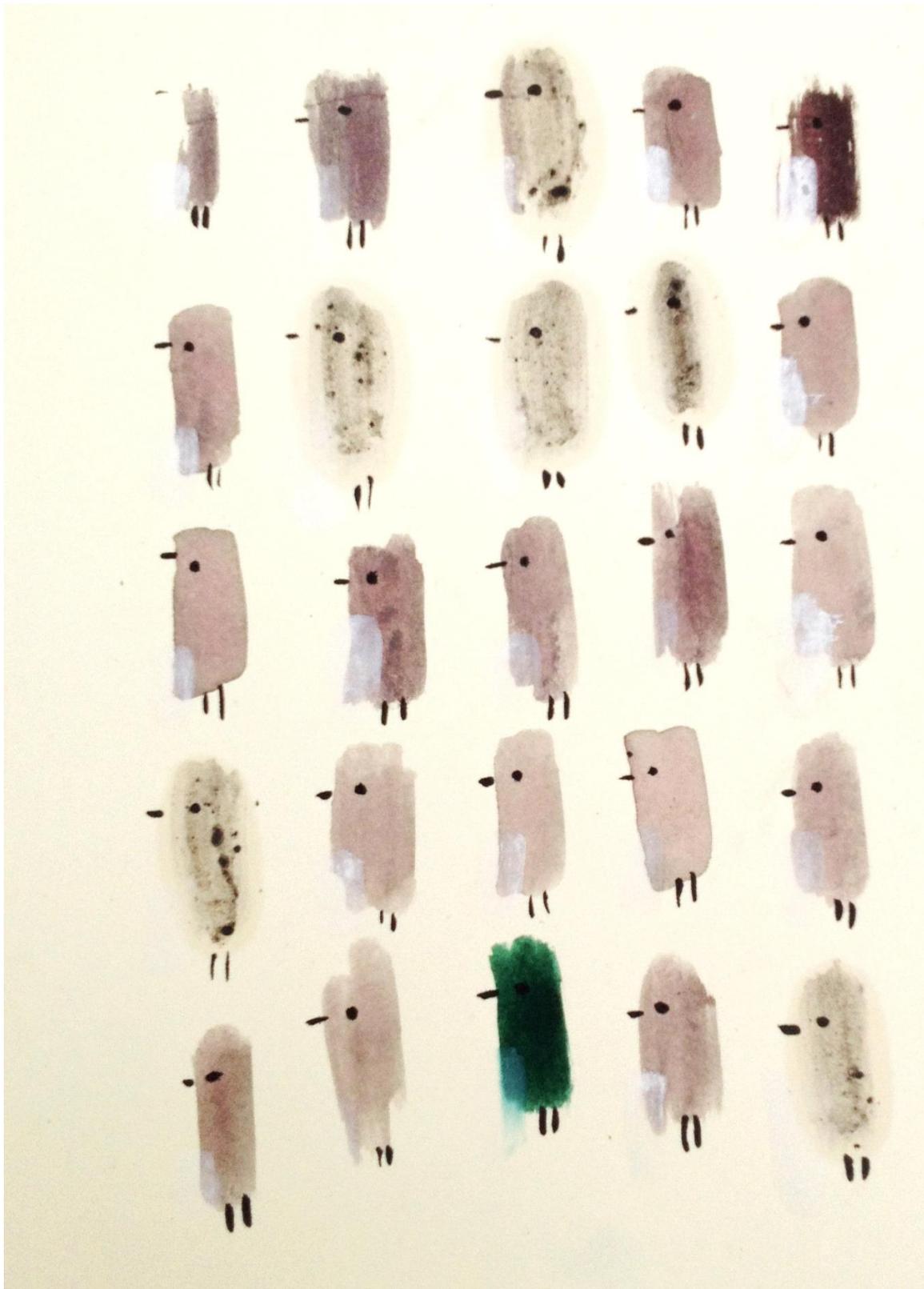






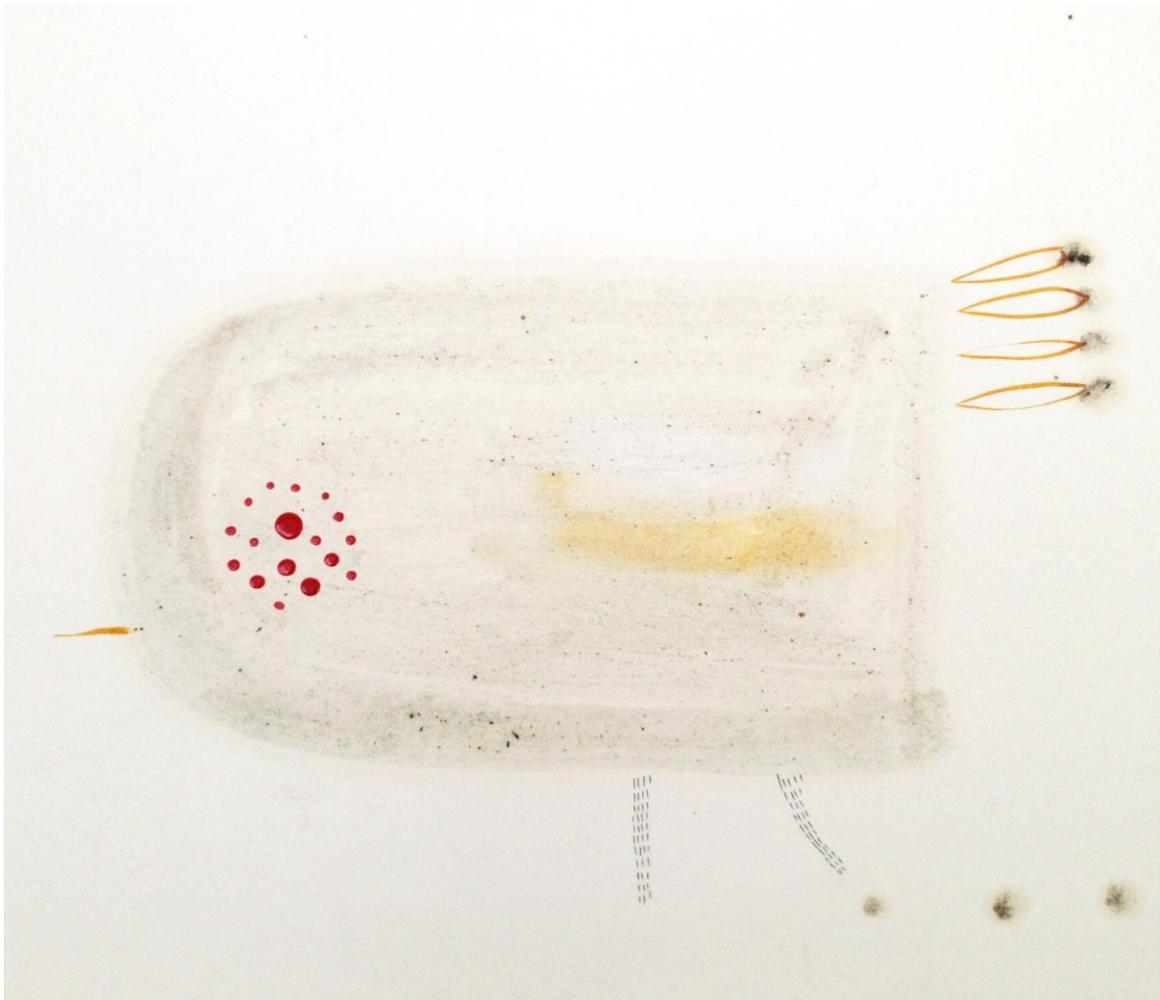




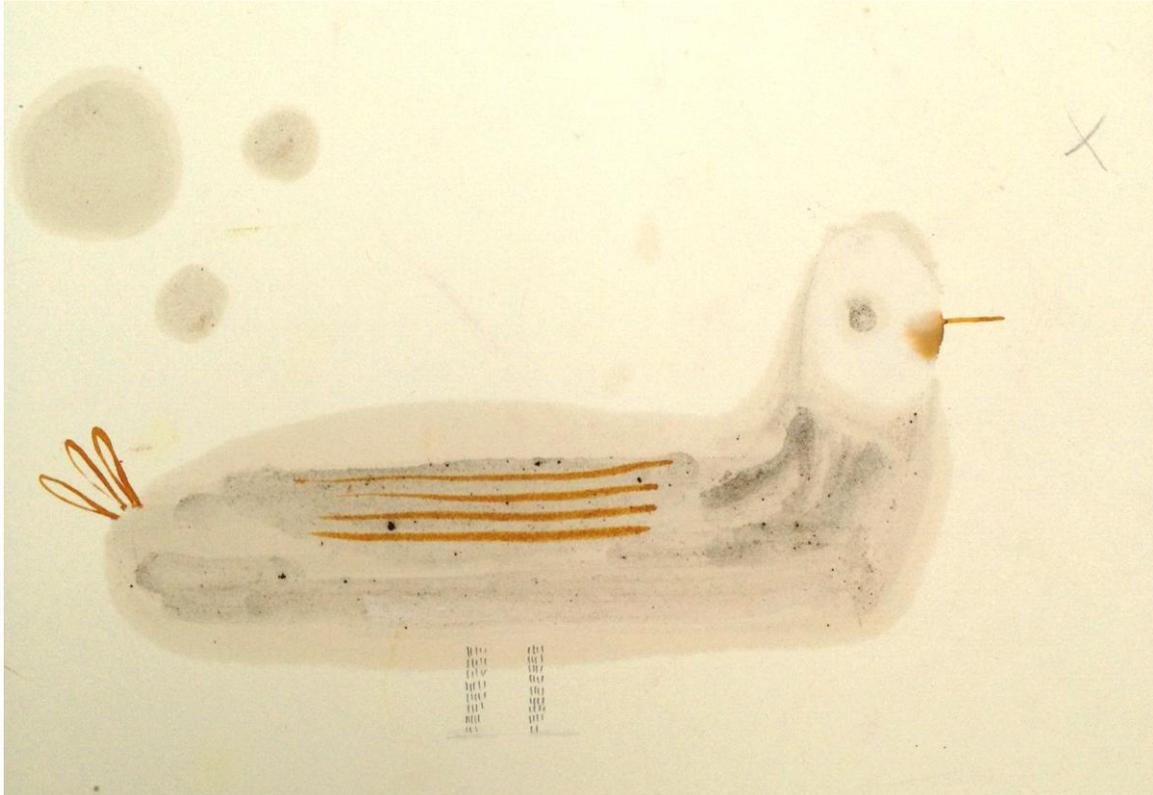
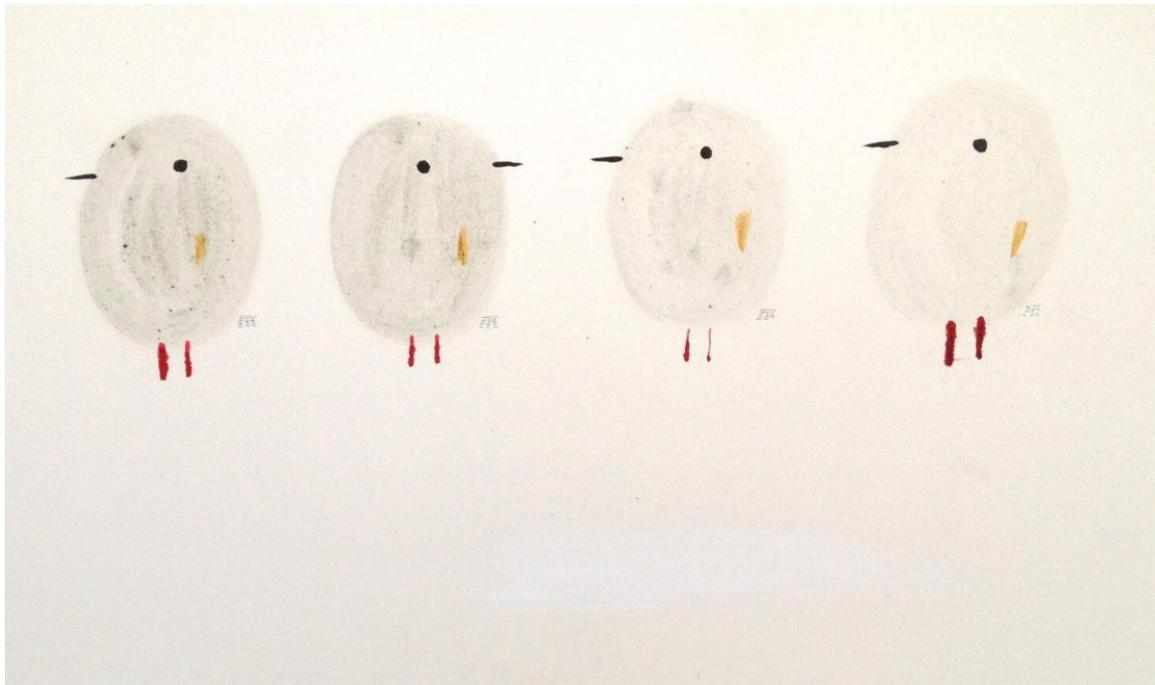




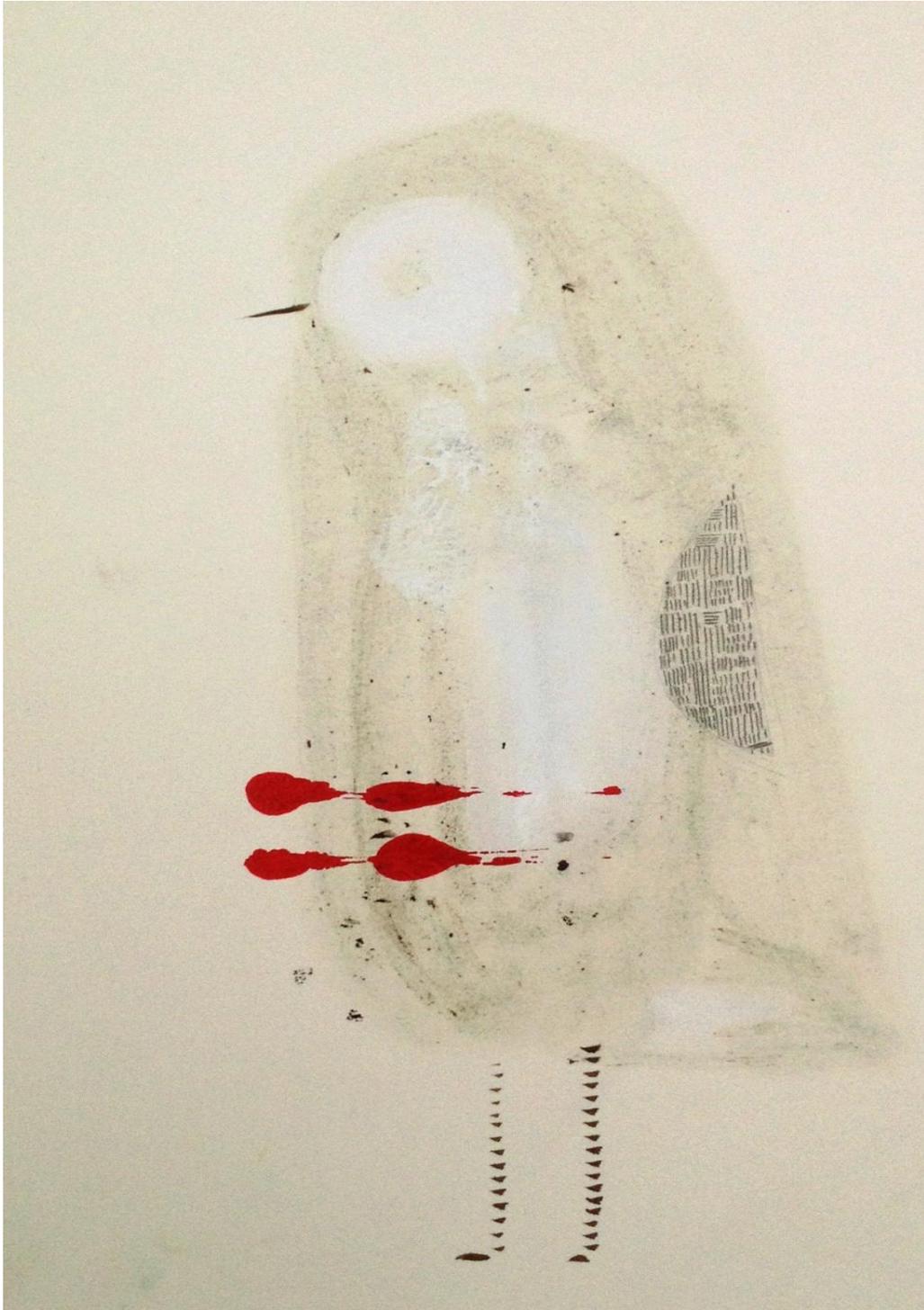
















Ensaio's

Essays

...QUEM NÃO CONHECE LYGIA BOJUNGA?

A OBRA DE LYGIA BOJUNGA E AS ESTRATÉGIAS DE MOTIVAÇÃO DA LEITURA

Lúcia Helena Lopes de Matos

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

RESUMO: Este artigo tem como objetivo questionar a menos valia da literatura infanto-juvenil que, se tiver real valor literário, não pode estar atrelada a rótulos que o mercado impõe. Traz como verdade a essas afirmações a apresentação da escritora Lygia Bojunga ao público que ainda não teve acesso ao seu universo literário e ao poder encantatório de sua escrita. Foram selecionadas três obras que formam uma trilogia e apontam para a formação do saber literário no aspecto da produção e da recepção, ilustração ficcional materializada em forma de narrativa apaixonada/apaixonante.

Palavras-chave: literatura infanto-juvenil, Lygia Bojunga – produção e recepção do texto literário.

ABSTRACT: The goal of this article is to question the devaluation of children's and youth's literature, which should not be evaluated by super-imposed market labels, if we are to consider its actual literary value. Lygia Bojunga's writings, well known fictions for youths and adults alike, are hereby presented to an audience which may not yet be familiar with the enchanting power of their literary universe, so as to prove their literary quality. A trilogy of her works will be analyzed, articulating both production and reception viewpoints, therefore, to bring forth a unique narrative process in which fictions are the materialized form of a passionate and captivating imagination.

Keywords: children's and youth's literature, Lygia Bojunga, production, reception of literary texts.

1 – PRIMEIROS PASSOS: O MUNDO DA FANTASIA

A criança é um sujeito que tenta descobrir o sentido do mundo, lidando ativamente com objetos e pessoas. Nessa interação com o meio, ela vai construir suas estruturas mentais para entender o que a rodeia, compreender os eventos e sistematizar suas ideias. A capacitação para se referir a objetos ausentes é consequência da maturação do pensamento simbólico traduzido em linguagem. À medida que o amadurecimento vai progredindo, vão se formando as conceptualizações e, conseqüentemente, o pensamento metafórico.

Assim se constitui o sujeito em estágios subsequentes, estabelecendo sua interação com o mundo, primeiramente através de um pensamento egocêntrico, centrado na sua própria experiência, repleto de fantasias, em que o real é distorcido em função dos seus próprios desejos, predominando, assim, o princípio do prazer.

Nesse espaço potencial e ilusório, o indivíduo desenvolverá sua capacidade criativa, agirá mais espontaneamente e experimentará plenamente a sensação de ser uno e ser outro. Mais tarde, quando adolescente ou adulto, podemos reviver este espaço potencial em outras atividades como jogos, devaneios, criações artísticas e mesmo compreensão de realidades mais subjetivas.

Segundo Vygotsky, citado por Freitas (2002:77),

“os processos criadores existem desde a tenra infância e se desenvolvem a partir de elementos tomados da realidade. A atividade criadora da imaginação se encontra, pois, em relação direta com a riqueza e variedade da experiência acumulada pelo homem”.

Acreditamos, portanto, que o vigor criativo pode transformar a inércia num movimento deflagrador da desautomatização em direção a um arremesso construtivo, tanto na produção quanto na recepção do indivíduo.

Diante das investigações da psicologia cognitivista, concluímos, induzidos por Gianni Rodari em sua Gramática da Fantasia (1982), que as crianças vão se apropriando da realidade de uma forma simbólica. Tomar contato com os objetos e

acontecimentos incompreensíveis e misteriosos é um desafio cujo prazer se dá pela brincadeira, pela surpresa, pelos arquétipos veiculados nas histórias lidas ou ouvidas.

É no universo das fábulas – alimento de fantasia para a mente de todas as crianças – que “experimenta-se revivendo-o o medo de ser abandonado, de estar perdido. (...) Ser encontrado é voltar ao mundo, reconquistar seus direitos, renascer. (...) Estes desafios fortalecem o sentido de segurança, sua capacidade de crescer, seu prazer de existir e conhecer.” (idem, *ibidem*:46)

São essas experiências afetivas - ligadas, muitas vezes, a arquétipos veiculados pela literatura infantil- que vão dar forma lingüística às nossas conceptualizações metafóricas geradas pela necessidade infantil de dar concretude às abstrações (Tenho uma idéia!), animizar objetos (“Escada feia, machucou meu joelho!) ou criar artificialismos (“Está chovendo, porque abriu a torneira do céu).

Tais necessidades infantis, segundo Rodari, são uma “fonte de invenção” (p.88) e vão possibilitar o mecanismo simbolista que instaura o jogo do “faz-de-conta” e vai criando a percepção entre o real e o imaginário. A intimidade entre o mundo possível e o mundo vivido faz a criança entrar no mundo da leitura com maior prazer. Essa, porém, é uma prática inaugurada antes da leitura, com as brincadeiras, cuja motivação leva a criança à inventividade para imitar o mundo adulto. Criam histórias cujos personagens são elas mesmas. O mundo da fantasia metaforiza o mundo vivido e empresta concretude às grandes aventuras engendradas pela imaginação.

A criança de hoje “lê” o mundo de maneira diferente que os avós. Os mecanismos para significar a leitura são os mesmos, mas os produtos são diferentes. O mundo moderno traz para o contexto de nossas crianças, com uma velocidade espantosa, elementos desconhecidos para as crianças de algumas poucas décadas atrás. Surgem novas imagens, novas informações, novas palavras e novas metáforas que rapidamente se lexicalizam e perdem o frescor da novidade.

Olhando com distanciamento para todas as conquistas que uma criança tem de empreender para acumular conhecimento, percebemos não ser este um processo pouco custoso. Quem já fez este caminho sabe da importância do lúdico para amenizar tal “sofrimento”. Viver no mundo do “faz-de-conta” as angústias, os medos, as raivas, as dificuldades, os afetos e vê-los, de certa forma, resolvidos nos personagens das fábulas

do “Era uma vez...”, ou transferidos para as nossas brincadeiras de guerra, super-heróis, boneca ou bandido-e-mocinho, faz-nos moldar uma nova ordem para cuja autonomia vamos nos credenciando.

Cada criança que lê ou que brinca escreve seu próprio mundo e resolve suas próprias dificuldades. Além do mais, habilita-se, quando jovem, a uma intimidade com o mundo narrado, encontrando na ficção a válvula de escape para os embates do cotidiano.

2 – A LITERATURA INFANTO-JUVENIL NO CENÁRIO ACADÊMICO

É na infância que começamos a nos relacionar com os valores que nos acompanharão por toda vida, e eles são atemporais. Questões como: Quem sou eu? Quem é o outro? O que sinto? O que quero? Para onde vou? O que escolher? O que é a vida? Como é a morte? , acompanham-nos ao longo da existência. Tudo isso a boa literatura tem, seja para qualquer idade.

A literatura não responde a nenhuma dessas perguntas, ela não se pretende manual de bem-viver, mas tem uma função catártica. O texto dialoga com as nossas emoções, com o nosso intelecto e, na medida em que fazemos elos entre a obra e o “fora” e o “dentro” de nós, reconhecemos o OUTRO de dentro e o OUTRO de fora. Não importa a idade em que isso acontece, mas a empatia que se estabelece entre os parceiros (texto e leitor).

Quantos adultos se encantam e se reconhecem dentro do universo literário que o mercado rotula como infanto- juvenil? Ou também o contrário, quantos foram os livros escritos sem uma pré-determinação etária e logo adotados por crianças e jovens?

O jovem, leitor virtual da literatura juvenil, bem como a criança, leitora virtual da literatura infantil, são construções da história. Em face dessa historicidade, não tem sentido atribuir-se universalidade / objetividade / imanência a tais categorias. (Lajolo, 2002:25)

Qual o adulto que, muitas vezes, ao reler Monteiro Lobato para filhos e netos não se transporta para o espaço mágico do Sítio do Picapau Amarelo e se encanta com as histórias dos personagens que serão imortais em nossa memória?

Qual o jovem que ao pegar os contos de Histórias da Terra e do Mar de Sophia de Mello Breyner Andresen não se deixa envolver pelo maravilhoso da narrativa que remonta aos valores que norteiam a nossa vida e fazem a ponte que liga a ficção ao real? Ou então, num reconhecimento cultural mais localizado, o jovem português que não vê nos mistérios do mar a senha para a aventura que trouxe prestígio histórico para seu povo? Esse, por exemplo, é um livro catalogado sem rótulo de público específico.

Da mesma forma, Lygia Bojunga Nunes, reconhecida como escritora de livros infantis, traz para sua narrativa a intimidade da oralidade que encanta tanto o jovem, mas traz também a sofisticação de uma estratégia literária que, muitas vezes, afasta aqueles que não toleram o desafio das construções interpretativas e só suportam histórias lineares.

3 – APRESENTAÇÃO: LYGIA BOJUNGA, UMA SEDUTORA DE LEITORES.

A que leitor se destina a narrativa de Lygia Bojunga? Em que universo cultural ele transita? Cada autor, um leitor?

Se fossem tão definitórias essas relações de reciprocidade a literatura teria um caráter limitador e não seria arte. A arte se alimenta da alteridade com outras culturas, é vendo-se no diferente que construímos as identidades. Através do mergulho na história, o leitor se transforma em diferentes personagens, vive em épocas de culturas e crenças que já não mais existem, é possível viajar no tempo e no espaço, não como um mero espectador de um documentário, mas participante, no papel de um outro. Ter vivido “na pele” de outro muda o modo como enxergamos nós mesmos e a sociedade em que estamos.

A grande motivação para esse artigo, fruto de uma palestra a convite do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, é, justamente, trazer a conhecimento do leitor português essa premiadíssima autora de livros infanto-juvenis em língua portuguesa, Lygia Bojunga. Recebeu em 1982 o Prêmio Hans Christian Andersen e em 2004 o Prêmio ALMA (Astrid Lindgren Memorial Award), duas importantes premiações internacionais.

Em sua ficção ela apresenta uma ambientação urbana e suas referências a dados do real tornam frágeis os limites que as separam da fantasia. Essas superposições vão dar conformação à linha metafórica das obras. As narrativas em 1ª. pessoa, além do ar confessional na relação com o leitor, levam para a cena enunciativa uma relação de informalidade acentuada entre o narrador e os demais personagens, mesmo que entre eles exista uma hierarquia de idade ou de posição social.

A aproximação entre leitor e obra passa, certamente, por uma técnica de sedução. Seduzir pode ser encantar, fascinar, mas também pode ser induzir ao erro, enganar com artifícios. Nesse processo de encantamento, existe sempre um envolvimento prazeroso para sedutor e seduzido que, de alguma forma, justificam os meios para chegar ao objetivo: criar no leitor a sensação de proximidade com o autor, numa ilusão de que narrador e personagens são seres “reais”, usuários da nossa linguagem. Esse é um jogo de fingimentos pactuado entre os parceiros, porque quem se deixa enganar está consciente de não haver ali a transcrição da língua falada, mas artifícios que transformam a naturalidade da fala em língua literária. Estabelece-se, assim, um contrato de comunicação (Charaudeau e Maingueneau, 2004:130-132), que licencia essa prática linguageira e permite os desvios, marca transgressora identificadora de uma variante distinta dos moldes rígidos da variedade culta formal, caracterizadora da língua padrão.

Essa acessibilidade e essa familiaridade, certamente, despertarão na memória do leitor os traços de identificação com a escrita de Lygia Bojunga. Acreditamos que o primeiro envolvimento afetivo com a sua obra seja pelo despojamento da linguagem cuja técnica não deixa transparente o domínio do sistema da língua. De imediato instala-se um clima de cumplicidade que vai tornar leitor/autor parceiros de um mesmo jogo numa troca constante de papéis na alternância autoral. Sua escrita é um laboratório de estudos no qual ela se faz personagem construída na e pela linguagem.

Para focalizar o modo como a escritora se expressa e quais as estratégias desenvolvidas para aliciar o leitor para a sua escrita, escolhemos três obras, participantes de uma trilogia metaliterária em cujo espaço textual a autora reflete: 1) sobre a sua formação como leitora e como desabrochou a necessidade da escrita em Livro: um encontro com Lygia Bojunga; 2) como acontece o processo de criação e seu

envolvimento emocional com a produção literária em Fazenda Ana Paz; 3) como se estabelece a relação autor-leitor via obra em Paisagem.

Nessas obras, ela metaforiza a formação do saber literário no aspecto da produção e da recepção, ilustração ficcional materializada em forma de narrativa apaixonada/apaixonante.

3.1 – *Livro*: um encontro com Lygia Bojunga

O livro em questão, *Livro: um encontro com Lygia Bojunga*, nasceu com o “pé” na oralidade. Sua origem foi uma encomenda da Editora Agir à autora para uma exposição de suas publicações européias, resultando em uma palestra teatralizada. Trata-se, então, de um solilóquio, forma narrativa destinada ao teatro, mas que é encontrada também no discurso literário. No solilóquio, o tom conversacional se estabelece numa espécie de face a face bilateral encenada e quando a narradora/autora dá voz a algum personagem, ela o faz sem qualquer aviso ou sinal gráfico, como se imitasse a voz dos mesmos e até a sua própria voz em diálogo com outrem.

E se em vez de ler, liam para mim, aí mesmo é que a coisa não se descomplicava: o meu pai e a minha mãe liam história pra mim numa coleção de livrinhos pra criança que tinha lá em casa, tudo impresso em Portugal, e cheio de infantas, estalagens, escopetas, arcabuzes, abadessas rezando vésperas, raparigas na roca a fiar..

O quê?

Como é?

Lê de novo?

Que que é isso? E quando diziam, é poruguês, não é, minha filha? Eu achava tão esquisito! Mas não é a língua da gente?

Era.(p.12)

Há dois segmentos que traçam a linha divisória temática: “LIVRO - eu te lendo” e “LIVRO – eu te escrevendo”. No primeiro, metaforicamente, o livro era a casa onde morava a sua imaginação, enquanto no segundo, ela começa a fabricar tijolo para que outros possam montar a casa onde vão morar.

Seu processo de construção da leitura e da escrita é detalhadamente focado e para essas duas atividades esteve voltada durante toda a sua vida, numa relação apaixonada e erotizada, tanto que, em sua formação como leitora, relata o descobrimento do prazer usando a metonímia para falar do seu envolvimento amoroso com os livros mais marcantes, transformando os escritores em amantes com quem vive casos de amor .

Tal como a metáfora, a metonímia está inserida no discurso das comunidades como reflexo das nossas atuações e dos nossos pensamentos, portanto não é uma questão de linguagem, mas uma expressão cognitiva das nossas experiências. No uso literário, ela pode estar associada à metáfora para produzir sentidos mais complexos. Por exemplo, Lobato metonimicamente está no lugar do livro e metaforicamente foi um amante com quem vivera um caso de amor, assim como os outros autores selecionados, configurando, dessa forma, uma ocorrência de metonímia.

Eu tive seis casos.

Casos de amor, eu quero dizer.

E, para mim, um caso de amor é coisa de envolvimento muito intenso.

Eu namorei bastante; flertei à beça; experimentei casamento; mas casos foram seis. (E o bom é que eu não estou livre de outro...)

Seus “casos”, que passavam por “aquela química, que transforma um encontro em caso de amor”(p.17), foram de diversas naturezas: com Lobato, o caso foi puro e ingênuo, próprio do frescor da descoberta; casos pesados e angustiosos com Dostoiévski e Edgar Allan Poe; um caso vergonhoso, a ponto de não revelar o nome do “amante”; o caso singular, restrito a um único livro de Rainer Maria Rilke: Cartas a um poeta; e, finalmente, o caso de amor amadurecido, que soube esperar com Fernando Pessoa.

E esse é ainda um outro aspecto maravilhoso do livro: ele guarda, ele segura o que a gente é quando transa com ele; e então, passados os anos, a gente pode visitar, reavaliar, reviver a vida da gente, voltando aos livros, com os quais a gente teve um caso de amor. Está tudo ali, retido, seguro, todas as nossas sensações daquele tempo. E não importa que a gente diga, ué, como é que fui me apaixonar por ele? Puxa,

se fosse hoje eu não me apaixonaria mais. Não importa. Ele continua a ser o depositário de toda aquela emoção do passado. (p.29)

O projeto do livro que inicialmente se voltava para a experiência da escritora como leitora acabou se desdobrando e ficando mais “redondo” (p.31) quando ela resolveu contar sua relação com a escrita e a descoberta da sua grande vocação. Nesse processo de altos e baixos ela vai se construindo como escritora numa paixão reveladora, visceral, só empanada quando precisou se “prostituir” e escrever para ganhar dinheiro. Aqui, mais uma vez, a autora erotiza seu fazer literário e explica que só reencontra o prazer da escrita quando se volta para os livros e passa a escrever artesanalmente, sentindo a volúpia do lápis em sua mão. (ESCREVER É UM ATO ERÓTICO)

Já no meu primeiro livro eu comecei a achar difícil fazer ele à máquina.

Mas eu achava tanto que escritor-escreve-é-à-máquina, que durante um tempo grande eu fiquei me segurando pra não mexer com as palavras do jeito que a minha vontade pedia: pegando nelas, imprimindo eu mesma cada letra.(...)

Quanto mais eu insistia no uso da máquina, mais a ponta do meu dedo queria sair de lá correndo pra ir se encontrar com o lápis.(p.51)

As metáforas sinestésicas erotizadas que vão construindo a teia narrativa podem ser, nesse contexto, um artifício para atrair o leitor jovem tanto para a sua escritura quanto para a ação pedagógica da leitura e da produção textual, mostrando, ainda, um certo ranço de didatismo que marcou as criações passadas e que ainda se encontrava na literatura de Lobato. Por outro lado, não podemos esquecer que essa sensualidade é um traço cultural de nossa brasilidade presente em situações que envolvam experiências subjetivas da ordem do prazer. É comum na linguagem cotidiana usarmos a linguagem sintética da metáfora para expressarmos, através das nossas vivências, o que as palavras só dariam conta com construções bastante analíticas. Numa narrativa literária que utiliza a oralidade, como a analisada, nada mais natural que a “artesã da palavra” aproveite essa tendência para os fins estéticos a que se propõe:

O luxo de corrigir e reescrever, somado à sensação da liberdade me rondando, me roçando, me envolvendo, fez uma impressão tão forte dentro de mim, que eu saí

desse primeiro encontro pressentindo que fazer literatura ia ser para mim uma imensa aventura interior. * E desde esse dia eu confundo as palavras livro e livre: me acontece muito querer dizer uma e sair a outra.

* Não me enganei. (p.55)

3.2 – *Fazendo Ana Paz*

Depois do livro apresentado, em que a autora termina falando do seu pressentimento sobre a “imensa aventura interior” que o ato da escrita e o fazer literário lhe proporcionariam, ela continua pela mesma trilha e, agora, numa estratégia narrativa mais elaborada vai “falar mais dramaticamente” sobre o ofício criativo que, para ela, além de ser um exercício de reflexão metaliterário, é uma investigação de seus processos memoriais e emocionais.

Toda a construção enunciativa assemelha-se a uma cena em palco aberto cujos personagens (Ana Paz e a Autora) se revezam para contar, de forma fragmentada e em planos temporais distintos (Ana Paz-menina, Ana Paz-moça e Ana Paz-velha), o enredo que não se quer fechar. As vozes se cruzam e se mesclam no discurso do narrador-Autor que tem a ilusão de comandar o ato criativo e não se supõe tão à mercê de sua criatura.

O Leitor, parceiro e “espectador” da ficção, vai percebendo a estrutura metafórica que se forma em torno da memória no plano enunciativo da história /História e a estrutura metafórica que se forma em torno da construção do artesanato literário (“Sentava de manhã para escrever. Começava a brigar com as palavras.(...) ...que bom ia ser fazer um pai de barro, moldar ele no gesso...(...) A manhã se acabava e eu ali imaginando que coisa incrível devia ser a gente poder pegar no que faz”).

A escrita perfaz um caminho labiríntico e a narrativa que se intitulava primariamente Eu me chamo Ana Paz teve de se renomear como Fazendo Ana Paz também metaforizando o processo inacabado que dá forma à essência de cada sujeito.

"A necessidade de falar mais dramaticamente do ato de escrever me fez continuar nesse caminho e levantar uma personagem chamada Ana Paz. O percurso que eu fiz com a Ana Paz foi difícil, eu não enxergava bem o caminho, tropecei e parei

muitas vezes, mas me levou a um livro que eu chamei "Fazendo Ana Paz". E me levou também a querer continuar ainda na mesma estrada."

A infância, a mocidade e a velhice (etapas da vida) são marcadas no discurso, em princípio, por três personagens diferentes, e cada uma dessas fases trazem estereotipados conceitos do mundo biopsicossocial:

1 - A infância é o tempo do aprendizado (os valores passados pelo pai, através da Carranca).

2 - A mocidade é o tempo da descoberta do amor (casamento e filhos).

3 - A velhice é o tempo do resgate, de término da missão, de chegada a uma meta (volta à terra natal e reconstrói o passado e os valores que ficaram para trás).

É na casa onde Ana Paz nasceu que as três personagens em processo de criação tomam forma e se fundem. A casa também é reconstruída, na medida em que o personagem busca para si a coerência interna, os valores perdidos, logo PSQUIISMO É CASA, só que essa casa é formada pelos fragmentos de memória do narrador-Autor:

Então o encontro ia ser na casa.

Resolvi antes de mais nada levantar a casa.

Eu fiz ela toda de sobras. Uma sobra de casa do meu avô, outra da casa da minha tia, outra do apartamento da minha professora de inglês, que repartia a nossa hora de aula na metade antes do chá e na metade depois do chá. De cada morada eu tirava um pedaço, pra ir levantando a casa onde as minhas três mulheres iam se encontrar.(p.25)

É interessante observar que a autora se constrói internamente na medida em que constrói a narrativa, a casa/ psiquismo é feita de fragmentos da memória da infância da autora.

“É isso! As três são a mesma ! Não foi à toa que quando eu fiz a Moça e a Velha eu não dei nome nem pra uma nem pra outra: lá num fundão escuro da minha cuca eu já devia ter sacado o que só agora saquei. A Ana Paz vai crescer e se apaixonar pelo tal do Antônio. E quando ela chega no inverno da vida ela vai sentir a urgência de voltar pra casa onde ela nasceu, onde ela viu acontecer a tragédia com o

pai; ela vai querer juntar os pedaços dela, vai querer se encontrar com a menina e a moça que ela foi. E nesse ajuntamento volta tudo: a ligação fortíssima que ela tinha com o pai; a casa que ela aprendeu a amar; a Carranca! A carranca que eu tinha começado a desenhar na minha cabeça quando eu fiz a primeira cena da Ana Paz” (p.28; itálicos meus)

A narrativa é segmentada e se faz em colagens decifradas quando Ana Paz-menina, Ana Paz-moça e Ana Paz-velha se fundem num projeto de vida que refaz a circularidade num dos planos ficcionais. No plano ficcional que metaforiza a construção da narrativa, a circularidade se completa quando o personagem se resolve e toma forma, mesmo que imperfeita (metáfora literária com viés ontológico¹, já que essa imperfeição é inerente ao ser humano), tornando-se o personagem para o qual desde o início estava destinada.

E aí eu comecei a rasgar a Ana Paz. Pra nunca mais (nunca mais, tá me ouvindo, Ana Paz? NUNCA MAIS!) eu sofrer a tentação de continuar escrevendo ela.

.....
- Desculpa, Ana Paz, mas não dá.

- O quê?

- Você não ficou resolvida.

- Ora, não me vem com isso, quem é que fica resolvido?

- Quem? Muitos personagens, ué. Eu acabei de fazer um livro: tudo que é personagem ficou resolvido.

- Pra quem? Pra você? Pra eles? Pra quem te lê?

- Pra mim, é claro! Se sou eu que faço eles, eles têm que ficar resolvidos pra mim! E você não foi resolvida.

- Problema meu.

¹ Pessoas são substância ou matéria que possui forma

- Meu, meu!! Escuta, Ana Paz, tem buraco na tua história, tem página riscada, tem página cheia de anotação do que você vai ser, e tem muita página em branco do que você não foi: então você não tá sentindo que eu não consegui te fazer inteiriça?

- E precisa?

- Então não precisa?! Então você não precisa dum pai pra viver? Tudo que é tentativa que eu fiz pra levantar o teu pai resultou num Pai medíocre, e você sabe muito bem, Ana Paz: ele não pode ser um pai medíocre.

- Mas pera aí! Você me deu uma infância, me fez gostar tanto do meu pai, medíocre ou não a gente se ligou forte! E você me levou pra adolescência, e você me fez viver 80 anos até começar um projeto novo de vida, meu deus, tanta coisa! E tudo tão difícil de ser vivido, de ser vencido! Mas mesmo assim você quer me rasgar?!

- Você não tá resolvida, vê se entende!

- Mas por que que eu não posso ser assim mesmo?

- Assim mesmo o quê?

- Assim não resolvida, feito você diz, descosturada, mal acabada, tanto pedaço de mim rasgado (sabia que você me rasgou demais?). Você sonhou pra mim uma vida toda bem feita, só que tua idéia não deu certo e eu fiquei desse jeito. Mas por que que você precisa rasgar o que eu fiquei? Por que que você não pode me contar pros outros assim? Desacertada, inacabada, esperando a luz que, um dia, vai se acender (ou não) em tudo que é pedaço que eu tenho de escuridão? Puxa vida! Eu nasci pra viver num livro! livre! (você sabe tão bem quanto eu que não tem nada mais livre que um livro); já chega o tempo que eu fiquei numa gaveta, já chega o tempo que eu fiquei na tua cabeça: tudo tão fechado, tão cheio de complicação. Eu quero ir lá pra fora!!

E hoje ela foi.

Rio, abril de 1991. (pp. 84-87; itálicos meus)

O pai, importante personagem, ficou bloqueado e recalcou a pulsão que daria continuidade àquela história/ História e a personagem Ana Paz, que teve que vir à luz com a falta desse pai, recebeu a forma que foi possível.

Personagens - criador e criatura - dialogam e interagem na cena enunciativa no plano aparente, mas é possível uma leitura analógica da relação entre consciente e inconsciente quando se tomam como referentes os bloqueios que impedem a personagem-autora dar um rumo para a história e resolver os conflitos de Ana Paz.

Aqui é inevitável perceber, através de inferências e pressuposições, a polifonia do silêncio: Como teria sido a vida de Ana Paz se o curso da História fosse outro?

Esse intertexto subjaz à narrativa e deixa mais transparente o discurso histórico-ideológico construído com metáforas mapeadas em nosso sistema conceptual, mas que recebe a complexidade das estruturas literárias.

Tudo isso faz sentido, quando, por um processo intertextual, infere-se o quanto o conceito liberdade/livre é relevante para a autora. Nossa expressão é uma marca do que somos e pensamos, daí os índices ideológicos rejeitarem as condições contextuais em que esses personagens (o pai e Antonio) foram tomando forma.

Em Livro: um encontro com Lygia Bojunga o último período do texto é: “E desde esse dia eu confundo as palavras livro e livre: me acontece muito querer dizer uma e sair outra”. E, no diálogo, o argumento final que fecha todas as reivindicações do personagem é: “Eu nasci para viver num livro! livre! (você sabe tão bem que não tem nada mais livre que um livro)”.

Essas ligações intertextuais internas vão dando ao leitor as pistas para seu processo de compreensão. Ao mesmo tempo ele deve estar atento para o facto de que a superfície discursiva pode remeter para um estrato mais profundo do significado, já que a ambigüidade trazida pela metáfora, muitas vezes, se instala a partir do contexto revelado pelo discurso literário e não pelas manifestações lingüísticas que podem estar iluminando propriedades do conceito que as tornam, a uma primeira leitura, extremamente convencionais.

Lygia usa, também nessa narrativa, a estratégia da coloquialidade e a entoação é marcada pela pontuação, pela letra em caixa alta, pelas repetições, pelo excesso de aumentativos e superlativos, resultando em efeitos de sentido que aproximam os atores discursivos do momento da enunciação e transformam os recursos expressivos em massa sonora, expedientes que favorecem a inter-relação entre os sujeitos.

3.3 – Paisagem

O livro Paisagem trabalha em dois planos enunciativos: no primeiro, tece a relação leitor/autor estabelecida por uma afinidade via texto; no segundo, os sujeitos (autor/leitor(es)) tornam-se cúmplices na tessitura de uma outra narrativa, cujos elementos espaciais (a paisagem) possuem traços oníricos e fantásticos, induzindo o leitor extratexto a fazer, quase que obrigatoriamente, um exercício de busca dos possíveis caminhos que levem a uma coerência significativa do texto.

Inegavelmente esta narrativa faz um percurso temático-figurativo cuja superfície semântica remete para as figuras do autor e leitor(es) que compartilham um mesmo cenário figurativizado pela Paisagem. Na superfície profunda do texto, porém, subjaz a metáfora da polifonia que reconstrói o espaço da criação, somente traduzível pela experiência e sensibilidade dos actantes, simbolicamente reunidos pela ação imaginativa.

“Sou de opinião que, quando um leitor mergulha no livro que um escritor escreveu, ele está enveredando por um território sem fronteiras; nunca sabe direito até onde está indo atrás da própria imaginação, ou em que ponto começou a seguir a imaginação do escritor. Foi pensando nisso que – numa das paradas que eu dei no meu percurso com Ana Paz – eu comecei a trabalhar num personagem chamado Lourenço.

Assim que eu me envolvi com o Lourenço eu me dei conta que o símbolo das duas metades da laranja não era o que eu estava buscando: o que eu queria pra fazer a minha fala de livro ficar mais redonda era três pedaços da laranja; se no primeiro eu tinha falado da leitura e no segundo da escrita, agora eu queria, nessa terceira parte, misturar uma com a outra. Foi dessa mistura que saiu “Paisagem”, e o caminho tão comprido que eu acabei andando resultou numa pequena trilogia-do-livro.” (p.8)

Paisagem fecha a trilogia (Livro: um encontro com Lygia Bojunga e Fazendo Ana Paz) metaforizando, via estratégias narrativas, a tríade que sustenta a competência leitora: Autor/Texto/Leitor.

A autora usa a organização narrativa para se investir de autor ficcional que dialoga com Lourenço, o leitor-ideal corporificado em personagem, cuja ação diante do texto é de reflexão, dedução e atribuição de sentidos, com ativação de todos os

mecanismos cognitivos, no esforço de encontrar a coerência para indícios que de outro modo seriam desconexos. Só que o texto Paisagem liga os personagens (autor ficcional, Lourenço, a menina do Lado) através de uma interpretação expressa por aspectos que remetem, por semelhança, a aspectos de outras coisas. Esses aspectos assumem contornos de concretude para cada um dos personagens de acordo com as experiências e as suposições que cada um tem do mundo. É que cada personagem tem que explicar o motivo de ter tomado conhecimento de um texto que ainda não tinha sido publicado e fora escrito pela escritora enquanto esta morava em outro país.

Para a Menina do Lado que se tornara leitora capturando a emoção do leitor Lourenço, a paisagem tinha o contorno do maravilhoso, fruto da imaginação infantil:

“ – Pois é, a história fechada no caderno, o caderno fechado na gaveta, tudo muito fechado, não é? (...) O vento abriu o caderno justinho na página que você escreveu essa...como é que você chama?...ah! Essa paisagem, e a página ficou aberta, e o vento foi passando nela. Foi passando e foi lendo tudo que você escreveu. E aí ele resolveu arrancar ela do caderno pra ele. E sabe que ela gostou? Gostou mesmo de sair com ele. Então os dois ficaram vivendo juntos, o vento e a página. Assim, voando pr’aqui, voando pra lá. Até que um dia o vento nem reparou que a janela do meu quarto tava toda aberta e entrou. Ele e a folha do teu caderno. (...) Ela falou que queria ter nascido desenho e não letra; disse que só preto e branco fazia ela triste: ela queria ter cor. Eu então peguei a minha aquarela e fiz ela toda colorida, cada letra eu fui virando num pedacinho de desenho, e quando era uma palavra o desenho ficava assim grande, e quando era uma frase toda o desenho ainda ficava maior.” (p.43)

Lourenço, capaz de relações mais profundas, faz inferências e pressuposições baseadas no conhecimento que tem da escrita daquela autora específica, justificando seu conhecimento telepático pela afinidade/ intuição, sensações capazes de explicar a relação que ele e a Menina do Lado têm com a autora, já que ele, leitor perfeito, construía a ouvinte perfeita ao ler-lhe as histórias de onde emerge a familiaridade que vai permitir a ambos compactuar do mesmo cenário (a paisagem).

“Foi só olhar para o desenho que eu achei aquela paisagem com cara de ter sido escrito por você, aí é que está, quando eu digo, eu sou Leitor do fulano, isso quer dizer que eu conheço o fulano, então ninguém precisa me dizer esse livro é do fulano ou da beltrana porque é só começar a ler o livro que eu já sei que é do fulano ou da

beltrana, (...); O João diz que tem uma afinidade incrível com a música do Villa e então acontece essa ligação, é a mesma coisa que acontece comigo e você, então eu olhei pr'aquela paisagem e disse só pode ser dela, não de outra. “ (pp. 50-51)

“... um belo dia eu comecei a ler as tuas histórias pro Monstrinho, no princípio ela ficava desenhando enquanto eu lia, mas depois ela ficava só escutando (...)”

“... eu sou um Leitor tão competente que o monstrinho virou tua ouvinte, ...”
(p.52)

Dessa forma, ele consegue fazer relações em busca de uma construção cognitiva que o remeta ao esquema conceptual que vai mapear a metáfora mais profunda:

“... e outro troço que eu não tinha sacado antes é a influência que uma arte tem na outra, a música da minha voz (...) a música da minha voz, lendo as palavras da tua escrita passaram pra irmã da Renata em forma de desenho, é uma interligação incrível, você não acha?”

Lourenço também busca uma certa referencialidade para o fato:

“– Quer dizer que você interpreta esse mistério como “mera coincidência”.

– Mera não. É uma coincidência-só-possível entre dois seres profundamente afins, como sói (gostou desse sói?) acontecer entre um leitor super ligado numa escritora (você).

– Mas não são dois seres, Lourenço, são três...

_ O terceiro é o resultado da ligação dos dois primeiros, tivemos uma filha monstrinho2, o que você quer? – E começou a rir.”

A autora justifica o fenómeno enigmático pelo critério da intertextualidade, num racionalismo teórico mais coerente com o conhecimento que tem das estratégias cognitivas da compreensão.

“Comecei a examinar uma possibilidade atrás da outra. Quem sabe eu lá tinha visto essa paisagem num lugar qualquer? Uma gravura...uma pintura...Uma pintura que

² A filha monstrinho a que ele se refere é a Menina do Lado.

o Lourenço também tinha visto?...Quem sabe eu nunca mais tinha me lembrado dessa pintura, mas a lembrança dela tinha ficado lá no meu "sótão", e agora se intrometia na minha escrita...? Ou então, vai ver, a paisagem era parte de um livro que eu tinha lido? (ou de um filme que eu tinha visto?) Um Livro da minha infância? da minha adolescência? Um livro que o Lourenço tinha lido também...e a paisagem tinha feito uma impressão funda nele...e agora ele sonhava com ela...será? Nesse caso, o que eu pensava que era minha invenção não passava de uma lembrança que tinha dormido e que agora acordava?"

Fica claro que a ficção criou um mundo possível da estratégia interpretativa com uma representação cognitiva dependente dos arquivos sediados na memória semântica de cada um dos leitores. Não há uma via única de compreensão, os processos são múltiplos dependendo das diferentes situações, de diferentes usuários, das suas crenças, enfim de seus modelos culturais e dos diferentes discursos.

O terceiro livro da trilogia, Paisagem, é o que exige, entre os três, um leitor mais experiente, pois sintetiza, através de uma alegoria, aspectos linguísticos, discursivos e teóricos da literatura com um grau de opacidade maior que os outros. Ele remete para a captação da metáfora O SENTIDO É UMA NEGOCIAÇÃO.

Segundo Fonseca (1999:265), Umberto Eco diz que o texto é um "artifício sintático-semântico-pragmático" partilhado pelos atores da enunciação (autor/ leitor) e

A partir desse ponto de vista, a chamada literariedade do texto, que os estruturalistas tanto defenderam como atributo do texto e somente dele, ficaria também na dependência da atualização do destinatário, que pode reiterar ou não o trabalho de linguagem exibido pelo texto. Visto como peça de um jogo que o texto atualiza, o leitor é também elemento dessa literariedade, pois é figura de papel, construção que se inscreve numa textualidade.

BIBLIOGRAFIA

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique (2004). *Dicionário da Análise do discurso*. São Paulo: Contexto.

FONSECA, Maria Nazareth Soares (1999). “Análise do discurso literário: pontos de vista e controvérsias”. In: MARI, Hugo.[et alli] (org.). *Fundamentos e dimensões da análise do discurso*. Belo Horizonte: Carol Borges, pp. 259 – 268.

FREEMAN, Margareth H (2000). “Poetry and the scope of metaphor: Toward a cognitive theory of literature” In: BARCELONA, A. (ed.). *Metaphor and Metonymy at the Crossroads. A Cognitive Perspective*. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, pp 253 – 281.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção (2002). *Vygotsky e Bakhtin- Psicologia e Educação: um intertexto*. 4 ed. São Paulo: Ática.

LAJOLO, Marisa (2002). *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6 ed. São Paulo: Ed. Ática.

RODARI, Gianni (1982). *Gramática da fantasia*. São Paulo:Summus.

SILVA, Augusto Soares da (2003). “O poder cognitivo da metáfora e da metonímia”. In: *Revista Portuguesa de Humanidades* 7. Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, pp 13 – 75.

Contos para crianças

Stories for Children

A Dinossaura Salomé

PEÇA EM UM ACTO E CINCO CENAS

Renata Gil

Ilustrações de Evelina Oliveira



PERSONAGENS

Dinossaura Salomé

Mãe

Pai

Avô

Avó

Prima

Vizinha

Irmão

CENA I

Dinossaura Salomé, o Pai, o Avô, a Avó, a Prima, uma Vizinha e o Irmão

Ao subir o pano vê-se uma casa, dando para um jardim com piscina. Salomé, sentada na varanda, vai divagando.

SALOMÉ – Hei-de ser bailarina... Hei-de ser bailarina,.. Penso que a minha sina é ser famosa... Sou linda como uma rosa e o público estará a meus pés...

Uma Vizinha, sentada junto dela a ler um jornal, sorri. O Pai sentado a ler um livro, sorri também. A Mãe canta.

VOZ - Vou dançar contigo até
a noite acabar...
depois, meu Amigo,
vamos ver o Mar...

A voz de sua mãe e, especialmente, a palavra dançar, despertam-na do seu devaneio e chama

SALOMÉ - Mamã! Ó Mamã

MÃE - O que me queres? Não vês que ando a regar os Malmequeres? Que pressa é essa?

SALOMÉ - Bem, eu espero! Quando acabares, vem sentar-te aqui ao pé de mim, sim? porque eu quero...

MÃE - Queres o quê, minha filha? Queres ir dar algum passeio à Ilha, como na semana passada?

SALOMÉ - Não, Mamã, não é nada disso! Quero, ou antes, peço que me satisfaças um desejo em troca de um beijo!

MÃE - Já sei! Queres que te compre um vestido! És tão vaidosa! Ainda há pouco te comprei aquele verdinho, bem bonitinho, por sinal!

SALOMÉ - Não e sim... mas, acaba de regar o jardim. Eu espero...

Pouco depois a Mãe senta-se junto dela

MÃE - Vá lá, diz o que tanto queres, por que estou ardendo em curiosidade! Deixei alguns Malmequeres por regar e tenho de lá voltar. Não dizes o que é?
Desembucha, Salomé!

Os Avós chegam à varanda

SALOMÉ - Ó Mamã, o que eu tanto desejo, não mo vais negar, pois não? (*e diz receosa...*) Vá lá então... compra-me um vestido de bailarina e uns sapatinhos de cetim!

MÃE - (*Levantando a voz*) Para quê Salomé? Ainda que não pareça, não deves estar boa da cabeça!

SALOMÉ - Ora para que há-de ser minha mãe? Para dançar, para pular de cá para lá... daqui para ali... e hei-de dançar muito bem!

MÃE - Para que te havia de dar! Uma Dinossaura a dançar! Não pode ser! O que é que o teu Pai vai dizer?

PAI - (*Que tinha interrompido a leitura*) O que vou dizer? Digo como tu que não pode ser! Salomé bailarina? Tenha juízo menina! Nem pensar! Não tem elegância para dançar!

AVÔ - (*Em tom de censura*) Uma Dinossaura bailarina? Nunca vi, nem esperava isso de ti!

AVÓ - (*Com espanto*) A Mãe, o Pai e o Avô têm razão. Eu sou da mesma opinião!

Uma Prima que está no jardim, diz escandalizada

PRIMA - Teria ouvido bem o que disseste à tua Mãe, ou estarei a sonhar? Uma Dinossaura a dançar? O Mundo está de pernas para o ar! (*Diz abanando a cabeça*).

Salomé desata a chorar. A Vizinha dá também a sua opinião

VIZINHA - Se ela tem tanto desejo de dançar, por que não há-de tentar? Facilitem-lhe o ensejo! Não sejam intolerantes! Sejam compreensivos como sempre foram antes!

SALOMÉ - (*Desconsolada*) Ora esta! Eu queria que a minha vida, daqui para a frente fosse uma festa, mas toda a gente me contesta! Só a Vizinha me está a apoiar! (*Diz com mágoa e continua a chorar*)

O Irmão que joga a bola no jardim e ouve a conversa resolve intervir

IRMÃO - Eu também te apoio Salomé! Em que posso ajudar?

SALOMÉ - Convence a Mamã a comprar o que pedi...

MÃE - Pronto, não é preciso desfazer-te em pranto, nem advogado de defesa... eu compro-te o vestido e os sapatinhos... quero a tua felicidade!

Sai

CENA II

Salomé, a Mãe, a Prima, o Pai e o Irmão

A Mãe entra em casa e diz

MÃE - Toma lá Salomé, já podes dançar à vontade!

SALOMÉ - Obrigada Mamã!

Dá-lhe um beijinho e esconde-se atrás de um biombo, de onde sai pronta a exibir-se.

SALOMÉ - O jardim é melhor para dar nas vistas... A Vizinhança vai ver que está aqui uma artista maior que as outras artistas...

MÃE - Não és nada modesta! (*Diz franzindo a testa...*)

SALOMÉ - Ora, ora, Mamã, muitos artistas são vaidosos como eu... (*diz levantando os braços ao Céu. E corre a dançar em volta da piscina. Alguns vizinhos, das janelas aplaudem, outros riem à socapa... A Prima diz indignada*)

PRIMA - Que figura! Uma bailarina gorda, sem cintura!

PAI - (*Conciliador*) Se ela não fosse tão gordinha!

A Mãe propõe

MÃE - Compra-se uma cinta bem apertadínha, para Salomé ter cintura fininha!

O Pai aprova

PAI - A ideia não é má É melhor comprá-la já!

Sai, voltando pouco depois com um saco na mão.

SALOMÉ - (*Assustada*) Não gosto nada de andar apertada! Não quero, não quero a cinta! A minha barriga não vai caber lál Ó minha Mãe, não me obrigue a vesti-la, não seja má! Ai!... Ai!... Ai!... Tenho tantas dores! Estou doente, Mamã!

E perante o espanto dos Pais, rebola pelo chão e cada vez grita mais...

SALOMÉ - Ai!... Ai!... Ai!... querem dar cabo de mim!

O Pai, cheio de autoridade, diz zangado

PAI - Entremos em casa. Agora, não minta! Vai mesmo vestir a cinta! Para dançar terá de a usar! A Prima tem razão! Onde é que já se viu, uma bailarina a parecer um balão? Vá, use de sinceridade, diga a verdade! Está a fingir para não a vestir?

Salomé apenas sorri embaraçada...

PAI - Pronto, está perdoada, mas olhe para a cinta. Não é tão bonita?

MÃE - Ó minha filha, eu estou do teu lado, mas deves reconhecer que uma bailarina gorda sem cintura, como disse a Prima, faz uma triste figura e eu não quero que se riam de ti! Tens de usar a cinta!

PRIMA - Veste-a, Salomé! Ficarás elegante! Vamos experimentar? Não custa tentar!

Salomé, contrariada, tenta entrar na cinta. Mete um pé...

MÃE - Eu ajudo, apoia-te em mim! Agora mete o outro pé!...

O Pai e a Mãe começam a puxar. O Pai chama

PAI - Ó meu filho, anda cá puxar este atilho!

O rapaz puxa, puxa, mas de nada vale...

MÃE - A barriga parece que cresceu! Encolhe-a, Salomé! (*E para o marido*) Ela está-se a empertigar, e, se se empertiga, a cinta não desliza na barriga!

O Irmão tenta ajudar, estende o braço e dá um puxão, mas, o elástico dá um esticão e ele cai no chão. Levanta-se e continua a puxar, mas, sem adiantar...

SALOMÉ - Mamã, já sofri tanto apertão! Tem compaixão! (*Chora sem consolação*) Ai!... Ai!... Ai!... Ai!... do que te havias de lembrar!

IRMÃO – (*Compadecido*) Desistam da cinta! O corpo não entra lá! Já tentou e não resultou. Deixem Salomé em Paz!

MÃE - Cala-te, Rapaz! (*E para a filha, condoída*) Não é preciso chorar! Vamos parar para descansares. Olha, vai apanhar ar. Depois, voltaremos a tentar com mais cuidado, mais devagar, e talvez, assim se consiga esconder essa barriga!

Salomé sai e o Irmão sai com ela.

CENA III

Salomé e o Irmão

SALOMÉ - Eu quero dançar mas sem a cinta a atrapalhar! Dançar apertada? Não querem mais nada? Se fossem eles a sentir os apertões que eu senti, desistiam logo, de certeza! Talvez eu ficasse uma beleza de cintura fininha...

O Irmão sorri...

IRMÃO - Ficarias de certeza e serias a Dinossaura mais elegante sobre a Terra... Serias uma rainha...

SALOMÉ - (imitando-o) Sobre a Terra... Sobre a Terra... Talvez eu até gostasse de me ver, mas, era preciso querer, e eu não quero! Seria uma rainha? Seria uma tolinha se me deixasse apertar! Apertem as cinturas que quiserem, não a minha!
Abaixo o apertão! Abaixo todo o tipo de opressão!

CENA IV

Salomé, o Pai, a Mãe, o Irmão, a Prima, o Avô, a Avó, a Vizinha

Entram em casa e Salomé diz com decisão

SALOMÉ - Meu Pai, minha Mãe, cheguei à conclusão de que não farei tal sacrifício. Se para o ofício de bailarina é preciso cintura fininha, como se isso fosse uma Lei, uma obrigação, eu transgriro essa Lei! Posso obedecer-vos em tudo mas, no caso da cinta, não!

A Mãe diz-lhe com carinho

MÃE - Pronto, acalma-te, Salomé, se queres assim... Agora, calça os sapatinhos e dá um saltinho aqui ao pé de mim...

Salomé tenta dar um saltinho mas dá um saltão... e o pé enfia-se pelo chão...

SALOMÉ - Ai! Ai! Ai! Ai! Torci o pé!

PAI – *(Muito arreliado)* Que palerma que ela é! A Mãe pediu só um saltinho Salomé!
Tinhas de saltar com cuidado!

MÃE - *(Preocupada)* Coitadinha! Dói-te muito, filhinha?

Corre a ajudá-la. O Pai, passada a primeira impressão, corre também, com preocupação.

PAI - Não partiste o pé, pois não?

Arrastam-na para um sofá e a Prima diz, entendida

PRIMA - É melhor ficares com a perna estendida. *(Levando-lhe um banquinho)*
Apoia aqui o pé!

AVÔ - Não será melhor chamar o médico, para ver o que é?

PRIMA - *(Enfermeira)* Não, não é. Eu ligo-lhe o tornozelo. Vai doer, vai inchar, mas, se não andar, em três dias vai passar!

SALOMÉ - *(Com dores)* Que maçada, o que havia de me acontecer! Nos palcos o soalho também será velho? Pobre de mim, se for assim! Será que fiz uma boa opção escolhendo como profissão ser bailarina?

AVÔ - *(Com autoridade)* Claro que não, já sabes a minha opinião!

AVÓ - Vês o que fizeste ao pé? Desiste, Salomé! *(e depois diz bondosa)* Minha filha, não fiques chorosa... uma bailarina deve ser magrinha e tu és muito gordinha e pesada, por isso enfiaste o pé no chão!

VIZINHA - Deixa lá, Salomé, agora trata do pé, e depois, estuda para teres outra profissão...

PAI – É verdade, podes ser médica, engenheira....professora... vais ver que há para aí muito Dinossauro a precisar de aprender... e nem só a dançar se pode brilhar!

SALOMÉ – Pronto, já compreendi! Como bailarina seria um fracasso e o melhor que faço é escolher outro modo de vida!

MÃE - Terás o nosso aplauso se estás decidida!

PAI - Assim é que se fala, Salomé! Mas, pensando bem... eu e a Mãe, lá bem no fundo, até gostaríamos de ter como filha, uma bailarina célebre em todo o Mundo! E não teremos por não usar a cinta! Por que insiste em não a vestir?

SALOMÉ - Porque como já disse, sou contra o apertão e todo o tipo de opressão! Antes desistir e escolher outra carreira que me permita ser livre, livre, livre!... Nada, nem ninguém me há-de" apertar"!... Além disso já compreendi que eu, além de muito pesada, sou desastrada, e, de bailarina, não tenho mesmo nada!...

CENA V

Todos os personagens

Salomé, já curada vai ao encontro dos Pais, dos Avós, do Irmão, da Prima e da Vizinha

TODOS – Então, já escolheste a profissão?

SALOMÉ – Já! (*Responde a brincar*) Serei construtora de pontes. Quando concluir a primeira, dançarei sobre ela, e se resistir, jamais uma ponte da Salomé irá cair! Nem ninguém lhe enfiará um pé! Larilolé...

Todos riem. Salomé levanta os braços e começa a dançar e todos, a rirem, acabam por a imitar...

Saem



O Sonho Passou, Deixando Fiapos

Francisco Rogido

Ilustrações de Catalina

O Visconde tomou da pena com toda a resignação e continuou

“Memórias da Emília” Monteiro Lobato

Ninguém se cura desta metamorfose.

Comme un roman . Daniel Pennac

Um dia de verão - - Sábado - - Manhã.



Ainda pouca luz da manhã envolvia o apartamento vazio. Ele abriu o envelope com a carta da mãe... leu como quem lê o silêncio que há por trás das palavras que se animam em seu interior. A carta era clara: deviam vender a Casa de Pedra, onde passara muitos verões. **7:32 da manhã:** Hoje é um dia quente, apesar de nublado. O termômetro marca quase 35°C. Vazio é modo de dizer. Tinha calor e tinha flor no centro daquele apartamento pequeno, onde se encontram as frutas frescas na fruteira, e o jornal dobrado do dia anterior sobre a mesa. E tem a família do Manuel que ainda está dormindo. O Manuel é o menino sentado no sofá de pijama, cabelo todo despenteado, com remela nos olhos e que parece estar com uma fome tremenda, mas que não faz uma vírgula para mudar a sua situação. O Manuel não é menino doente, ao contrário. Mas é amarelão por que não sai muito, não toma sol e só fica na frente da televisão. Todo o fim de semana pela manhã, antes mesmo de tomar café-da-manhã, o Manolo faz a mesma coisa: refugia-se um pouquinho no sofá, fica olhando através da janela para o vazio do céu com a mesma cara de bocó de mola, de todos os dias. Às vezes, meio distraído, chega até a tirar umas melequinhas do nariz fazendo bolinhas bem redondinhas com o dedo indicador e o polegar, só para passar o tempo. Às vezes, como hoje, ele acorda com umas ideias esquisitas, tipo vontade de jogar futebol ou andar de bicicleta. Às vezes. Mas por acaso, hoje o tempo está nublado e com cara de chuva. Muita chuva. E logo hoje, justo hoje, que entre uma melequinha e outra, ele acordou com vontade de andar de bicicleta. Mas esse seria um fim de semana diferente. Pra começar, já começava com promessa de chuva. Chuva? Você acha que isso é um problema para o Manuel?

Lógico que não! Não tem problema, pensou o Manuel, com chuva posso assistir televisão e jogar videogame o dia inteiro!



A televisão do menino Manolo tem vários canais e um videogame *Wii* conectado. Nos vários canais da televisão há um monte de desenhos: o canal 34, por exemplo, mostra uma arganaz orelhuda amiga de um pato fanho e um cão com ares de estúpido; no canal 126 uma esponja amarela cheia de trejeitinhos e vizinha fininha, amiga de uma estrela do mar rosa; só no canal 356 que passavam aqueles seres japoneses sobrenaturais que habitavam uns ovos, eram treinados por crianças e eram colocados para brigar.... e quando o menino se cansava do Mickey, do Bob Esponja e dos Pokemons , lançava mão de

uma série de comandos no controle-remoto e conectava o *Wii*. Podia jogar o dia todo. E como tudo que é interminável se torna obsessivo, o menino já andava meio lelé da cuca de tanto jogo eletrônico dentro da cabeça.

8:30 da manhã: CATABUM! Agora sim, agora começou a chover para valer. Além de chuva, vento e trovões. E quando trovejava é que ele lembrava que sentia um medo do medo que dá quando troveja. Então, como a televisão já estava ligada, se concentrou ainda mais para fugir dos trovões, mas a televisão não conseguia apagar de seus ouvidos nem o estrondo dos trovões, nem o clarão dos relâmpagos. Nem sequer podia chamar os pais, pois sábado pela manhã era um dia estranho. Os pais

fechavam o quarto por dentro para dormir até tarde. Quando acordassem, já de banho tomado, a mãe sempre apareceria cantando toda feliz, chegava até a fazer uns pães especiais. O pai com aquele sorriso magro, também saía do quarto arrebitando uns beijos que pareciam até voar. Os sábados pela manhã eram muito estranhos na sua casa... As vezes, os relâmpagos que chegavam a iluminar toda a sala naquele dia escuro, chegavam a fazer o corpo estremecer por dentro. Era cada pancada que dava medo até em gente grande - mas gente grande não vai ficar dizendo por aí que tem medo de trovão que é como pensamento feito de preocupação que vem e vai, que não tem tempo, nem piedade, nem tem hora para chegar. Depois que tudo passa, e se para de pensar na vida, na idade, no destino e no fim e na finalidade de tudo que desemboca em por ques, porques, porquês, por quês e em todas essas coisas, a normalidade volta a tocar tudo como sua carícia de conforto.

8:43 da manhã: Mas de repente, quando aquela estória toda de trovoada parecia ter passado... CATABUM de novo! Um trovão! Tudo silenciou. Demoraram alguns instantes para que Manuel percebesse por que cessara tão de repente, na vitrola do pai, o “Apanhei-te Cavaquinho” do Ernesto Nazaré. O chorinho : faltou a luz.

A sorte é que ainda era dia. Já pensou se faltasse luz com aquela trovoada toda, de noite? Ia ser um horror. A mãe e o pai, já acordados e sorridentes,

– *por que hoje é sábado, se é que nos fazemos entendidos!* -

aconselharam o garoto a ir para o quarto e se distrair um pouco com seus brinquedos ou até mesmo ler um livro.

- - *Um livro! Que coisa mais chata!* - -

9:37 da manhã: Mesmo contrariado, o Manuel foi para o quarto depois do café da manhã. Andava meio jururu. Desanimado mesmo com esse negócio de falta de luz. Mas teve uma idéia:

Bem, é verão e eu tenho sempre umas coisas a fazer que sempre vou adiando. Esse ano não vai ter férias. Meu pai já disse que anda meio sem dinheiro por causa de uma tal crise. No máximo, vamos passar uns dias na casa de pedra do meu avô. Como eu não quero que ninguém na escola fique pensando que eu sou um desses meninos de vida chata que passa o verão lendo livros e vendo cabras e vacas o dia inteiro, tenho um plano infalível. Vou pegar umas fotos de umas revistas do último verão e cortar as fotos que eu quero. Tudo que eu preciso é uma câmera digital. Tiro as fotos das fotos de uma dessas revistas cheias de crianças brincando na praia. Depois, é só ligar o computador, escanear as fotos, abrir o editor de imagens, e colocar as minhas imagens no meio dos outros moleques brincando na praia... Pronto. Os meus amigos vão morrer de inveja do meu verão. Principalmente o Getúlio, que vive contando vantagem, que tudo que ele faz é melhor do que tudo.

Aquilo não durou nem dez minutos, pois sem eletricidade, o escaner não funcionava e a bateria do laptop só durou uns 10 ou 15 minutos, pois para variar ou ele, ou o pai, ou a mãe sempre esqueciam de carregar a bateria do computador.

Ele bem podia chamar alguns amigos para sua casa. Ele, não. A mãe podia interfonar.



Pensou em ligar para o Zivaldo, mas ele é meio maluquinho. Pensou no Serginho, que o pessoal chama de Jaguar, mas ele está naquela fase em que vive com a mão lá... no bigulin, e o pior é que depois fica querendo segurar o manete do *Wii*. Não dá! Pensou no Getúlio, mas na certa todo mundo no prédio estava naquele mesmo barco furado de falta de luz. Bom, sempre podia ligar para o Miltinho Viola, o menino do 703, seu melhor amigo, mas sempre tinha a imagem na cabeça, do Miltinho fazendo xixi. O menino abaixava os calções e a cueca até os tornozelos, deixando a bunda à mostra – e aquilo é meio ridículo, pensou Manolo. Tinha sempre a opção da Sofia, do 502, que era até bonitinha, mas é menina, e sempre chega uma hora que as meninas começam a querer brincar com coisas mais filosóficas, tipo casinha, comidinha, e inventar diálogos imitando mães cuidando da família... coisas que dariam dor de barriga de nervoso no seu tio Edvaldo.

Por falar em tio Edvaldo, não adiantaria de nada pedir para minha mãe telefonar para ninguém, pois na certa ela teria de sair para fazer a feira. Afinal, amanhã o tio Edvaldo vem almoçar, e vai trazer a noiva. A noiva nova. Bom, sem luz, não tem elevador. Sem elevador minha mãe vai ter de subir todos os seis andares cheia de bolsas. Na certa vai pedir para o meu pai ajudar. Na certa meu pai vai reclamar. E na certa ela vai reclamar por que meu pai sempre, ou faz corpo mole ou reclama. Melhor eu ficar quieto. Bom, como eu ia dizendo, meu tio é um tipo engraçado. Ele não tem profissão. Ou melhor, segundo meu pai, ele tem umas dez profissões e está na ativa em todas. E acho que às vezes meu pai exagera na implicância com o tio Edvaldo. Minha mãe diz que ele é escritor, mas ele já tem mais de 40 anos, quase não aparece no jornal, e tem no máximo uns dois livros publicados. Tio Edvaldo já casou três vezes. Mas não é casamento igual ao do pai e da mãe. Essa noiva nova que vem amanhã é a quinta mulher do tio Edvaldo. Com a quarta mulher ele nem chegou a casar, muito menos trazer em casa. Ele disse uma vez que ela era mulher complicada. Eu não sei bem o que ele queria dizer com isso, mas minha mãe diz que devemos tratar cada mulher nova do tio Edvaldo como se as anteriores jamais tivessem existido, e eu acho que às vezes minha mãe exagera. Meu pai diz que o tio

Eduardo é o maior cara de pau, além de cometer muitos erros de português quando escreve. Mas eles sempre acabam com uma garrafa de uísque, e a moça fica horas conversando com a minha mãe. No final todo mundo sai feliz, menos eu, pois meu pai e tio Eduardo ficam vendo o futebol no sofá, falando mal dos jogadores, dos deputados, do Capitalismo, dos ministros e até de um primo distante lá nos Estados Unidos. Depois ficam ressonando com um bafo danado de uísque, e minha mãe fica horas e horas rindo e contando um monte de coisas embaraçosas do meu tio para a mais nova namorada do tio Eduardo. Ou seja, todo mundo feliz. Na casa só tem uma televisão. Isso quer dizer que enquanto está todo mundo feliz, eu fico um dia inteiro sem ver a cara do Sonic e dos Angry Birds. Que saco!

12:22 da tarde: Ele já tinha ido à cozinha e tomado três copos d'água – dos grandes, no copo do Bob Esponja. Já tinha brincado com os Legos – tinha feito uma garagem, três carros e uma nave espacial cheia de coisas complicadas. Os soldados verdes já tinham invadido a garagem, não, não, não era a garagem, era o castelo dos soldados medievais, e da nave espacial os guerreiros medievais ficavam bombardeando os soldados verdes. Estes, uns tremendos de uns bunda-moles, mesmo que em maior número, escapavam como podiam nos trezinchos de madeira e, os jedi, metade montada em seus cavalos, e a outra metade montada nos carrinhos de ferro, junto aos amigos do Luke Skywalker, conseguiam alcançar os soldados verdes e pegá-los todos. E olha que os soldados ainda tiveram a ajuda de um monte de aviões nazistas. *Uns incompetentes!*, pensou o Manuel.

Já tinha brincado com tudo e, para dizer a verdade, estava ficando meio chateado de não ter nada para fazer.

Finalmente foi até a sala. Olhou a estante repleta de livros de cima a baixo. Esticou o braço e a mão até a prateleira mais alta que podia alcançar. Enquanto ia tocando a lombada de um monte de livros grossos e provavelmente sem desenho algum, reconheceu a lombada de umas revistinhas fininhas espremidas entre uns livros grandões.

Primeiro ele puxou um desses gibis de férias, cheio desses jogos de Sete Erros e de coisas para colorir, já todo rabiscado. *Isso é do ano passado*, pensou o moleque. Resolveu pegar outro gibi. Foi puxando, puxando devagarinho, mas o outro do lado, gordão estava vindo junto. Ele puxou com jeitinho, puxando, puxando devagarinho, na ponta dos pés. O gibi ficou ali paradinho do lado do livro do Harry Potter, e caiu justamente o livro gordão, justamente na sua cabeça e bateu no assoalho de madeira, fazendo um tremendo barulho.

A mãe baliu da cozinha naquela voz dela de cabra enfadada:

- *Manuéééuuuuulll!*

- *O que é mãe?*

- *Que barulho é esse? O que você quebrou dessa vez?!*

O menino espichou os olhos. Ficou meio chateado de sempre levar a culpa de tudo:

- *Não foi nadaaaa!!!!*

Pegou o livro do chão e nem leu o título, “Cinco Semanas num Balão”. Sentou-se no sofá, abriu o livro com a cara toda emburrada e primeiro folheou para ver se havia desenhos. Nada. Livro grande, sem gravura: aquilo não podia terminar bem.

Primeiro, o livro começava com uma chatura de reunião numa tal de Real Sociedade Geográfica de Londres onde um tal de Dr. Samuel Fergusson está prestes a convencer um monte de velhos que ele deve fazer uma viagem à Africa para achar a nascente do Rio Nilo. Até aí tudo bem, só que a reunião não tinha mais fim.

É uma tal questão de ordem, questão de encaminhamento... parece as reuniões de condomínio ou do partido do meu pai, ninguém decide nada, tem sempre alguém levando algum dinheiro por fora — segundo meu pai — e fica tudo a mesma coisa.

Segundo, as letras eram miúdas e as palavras grandes e difíceis. Um inferno isso. Terceiro, o tal de Julio Verne ziguezagueava um monte de interjeiçõezinhas onomatopéicas - do tipo *Oh! Uh! Vejam! Estupendo!*

Que maneira mais esquisita de mostrar admiração!, pensou o garoto.

Aquilo mais se parecia a um tratado parnasiano - cheio das palavras complicadas, e que ele nunca tinha ouvido falar - que a um livro de aventuras infantis. Mas por um lado até que era interessante pensar como, as pessoas descobriam onde começavam e terminavam os rios, numa época em que não existia Google Earth.

Enfim, depois dessa idéia, ele prosseguiu na leitura ainda com uma certa má vontade. Todos os homens reunidos na tal sociedade para estudar geografia, festejaram a aprovação da tal viagem fantástica que Dr. Fergusson faria pelo ar para atravessar a África, que até aquele ano era um continente conhecido apenas parcialmente. *Peraí*. O ano era 1862. Manuel fez uma operação de matemática e diminuiu 1862 daquele ano em que estava, e isso dava mais de 150 anos! Há 150 anos não tinha nem avião, nem helicóptero! Como o tal do Dr. Fergusson faria para sobrevoar pela África?

O Dr. Fergusson vai fazer essa tal viagem fantástica a bordo de um balão chamado Vitória. O Joe é o empregado do tal doutor, mas isso não fica bem claro. O Dick conhecia o Dr. Fergusson desde umas viagens que tinham feito para a Índia quando o doutor era bem mais jovens. Dick era escocês e bem mais novo que o dr. Fergusson. Tinha idade para ser quase filho do Dr. Fergusson. E não era só por esse detalhe que eram tão diferentes. O doutor Samuel Fergusson é um homem magro de uns 40 anos, tem um nariz grande e um olhar de pessoa que vive no mundo das nuvens. Dick é um garoto metido a aventureiro, que com sua espingarda de chumbinho gostava de sair por aí para caçar. E depois, sair por aí contando suas estórias de caçador – que sempre podem ser de verdade ou de mentira, afinal, quem conta um conto aumenta um ponto . Sem dúvida, era um rapaz atrevido, às vezes um pouco mentiroso, mas sempre um cara legal. *Sei lá, esse cara deve ser mais ou menos assim como o Getúlio*, pensou o Manuel.

De repente, por distração ou atenção demais, o Manuel foi entrando na estória, até por que começaram a acontecer umas coisas fantásticas. Quando os aventureiros chegam perto da cidade de Kazeh, no que seria hoje a Tanzânia, o Doutor Fergusson, com sua luneta dourada, avistou um grande mercado livre, um mercado onde reinava a agitação pertétua dos mercados àrabes. Tinha deixado a ilha de Zanzibar, e ainda comentavam sobre as tentativas frustradas do grupo de nativos que em vão tentava fazer chover. Aquele tipo de crendice ficou marcado na cabeça dos viajantes. Do alto do balão podiam ver que o mercado estava cheio de àrabes, negociando todo o tipo de coisa. De repente o Vitória começou a baixar no meio daquela gente. Os homens, mulheres, crianças e escravos se calaram e começaram a olhar para enorme balão branco. Tudo que parecia confuso, parou. E o povo se calou.



Tudo de Manuel se concentrava na estória. Agora, as pupilas percorriam as linhas, atentas às palavras que se seguiam, enquanto um fiozinho de som quase imperceptível vem do rádio de pilhas da cozinha, trazendo pela estação de música clássica, a sinfonia em si menor de Schubert – “a inacabada”.

Quando saltaram do balão os aventureiros foram levados à presença de um sultão que de tão gordão, jamais conseguia levantar as ancas do chão. De repente surgiu quase de sopetão, frente ao sultão bufão, o bigodinho prudente do nosso Dr. capitão. As mulheres do sultão, fumando narguilé riam daquele inglês com cara de lelé. O doutor logo viu que o sultão gabarola bebia tanto, que já não andava da bola regulando. E sabendo disso o Dr. Fergusson pingou umas gotinhas de amônia no nariz do tal sultão, que num salto quase foi ao teto e veio ao chão. Depois de tanto pular, a notícia correu pelo ar. O povo da cidade pensou que o pessoal do balão era místico ou

mágico de só fazer aquele trambolho do sultão sair do chão. Chamaram os homens do balão branco de “Filhos da Lua” que chegaram na terra. E tudo ficaria por isso mesmo, a não ser por um pequeno detalhe.

4:43 da tarde: Às vezes os lábios do menino se moviam involuntariamente quando uma palavra mais difícil aparecia. As vezes os lábios insinuavam um sorriso, como em algumas passagens que sugeriam a busca de novos horizontes, sem desanimar frente às dificuldades que aparecessem. Como tudo que é bom dura pouco, o menino, depois do almoço, cochilou no sofá com o livro. Justo na parte em que uma imensa lua cheia apareceu no céu, pondo por terra a farsa armada pelo Dr. Fergusson. Os Filhos da Lua tiveram é que sair correndo daquele lugar com um monte de gente correndo atrás deles. A mãe até estranhou os tiques e gestos estranhos do menino: o Manuel parecia outro Manuel. Nunca dormia durante o dia e vivia completamente distraído. Ou melhor, absorvido pela estória da viagem no continente africano a bordo de um balão. Comeu tudo, repetiu o prato, pediu fruta de sobremesa e com os olhos colados naquele vai e vem dos olhinhos apressados dos ansiosos...

... e tudo escureceu, a cabeça pendia, os dedos esmoreciam e o manuel dormiu.. e, de repente, como ocorre sempre quando dormimos, ele foi perdendo a noção do tempo. e de repente a realidade fez folia em seu cochilo e o sonho se fez claro. e de repente no meio do sono o livro caiu para o lado do sofá. do sofá, o pequeno manuel viu uma luz lá no alto e começou a segui-la. com apenas uma linha na folha branca de um papel, o manuel fez um círculo, que foi levitando e levitando no ar, ao lado de uma montanha, e vendo que o livro e a cama se afastavam e iam ficando cada vez mais lá para baixo. umas vozes distantes davam a entender que havia gente conversando. de repente, as vozes e ele foram se perdendo dentro de si. dentro desses sonhos, o círculo foi imitando um balão que mais parecia mágico. como se tudo ao redor fosse pintado como numa aquarela, o menino parecia estar dentro de um céu azul, mas sem perceber já estava dentro do próprio balão Victória. com um lápis que tinha na mão, se deu um triângulo. nesse instante imaginou um barco a vela, navegando por um lago tão grande que mais parecia um mar de água calma no céu azul de matisse. era um veleiro ou era o próprio sofá que ficara lá embaixo, e que de onde estava já não conseguia distinguir? não tinha nada claro, como no quadro de magrite, onde nunca se sabe se a sala é muito pequena ou se é o quadro que é demasiado grande...

**5:30 da tarde:**

Lógico que eu e você sabemos que isso é um sonho. Uma coisa de dentro da cabeça do Manuel. Ele ainda não sabe disso. Nem chegou a encontrar ainda o Doutor Fergusson, por que nem sequer olhou para trás.

Basta imaginar que o Manuel está partindo, sereno e calmo e sem nem mesmo a gente perceber ele já está dentro do balão, viajando pelo Congo, Zaire e passando lago Vitoria, na procura da nascente do Nilo. Pois o Doutor Fergusson, e os seus amigos Joe e Dick Kennedy só tinham uma coisa na cabeça: encontrar a tal nascente do Rio Nilo. Ele ainda não sabe bem onde está.

...de dentro do balão branco ele voa de leste para oeste, do oceano Índico ao atlântico contornando uma imensa curva que passa pelo lago Chad, pelo deserto do Saara e pelo rio Níger. O que ele vê é uma exuberância nas cores verde e azul, entrecortada por linhas tortas que vão e vêm, que podem ser rios, como rapidinho imaginou, ou apenas coisas de sua imaginação...

...por enquanto só se ouvia vozes. Tudo estava escuro. Lembrou naquele momento que havia se escondido num dos sacos do balão. Uma das vozes era a do Dr. Fergusson. A outra devia ser de Kennedy. Eles conversavam que deviam ganhar altura para fugir dos antílopes azuis. Para isso começaram a se livrar de todo o peso do balão, jogando fora vários sacos de areia. Num deles estava o Manuel. Ele começou a cair e cair e cair e começou a se sentir nervoso com essa coisa de cair envolto num halo de anjo, e de saltar de pés juntos para fora do quadro de Magritte e cair dentro de um quadro de Miró...e continuou caindo...

6:31 da tarde: Manuel quis gritar, se mover, espernear. Queria se desembaraçar daqueles cipoais escritos, mas a voz não saía era como a de um grito gago, uma voz para dentro. Abriu os olhos e acordou de repente, assustado. Ficou um tempo sentado no sofá, para se certificar de que saiu do sonho como quem lava as mãos. Mas não foi bem assim. Já era quase final de tarde. Continuava chovendo, mas agora era uma chuvinha fina, dessas chatas que não aumentam nem param de uma vez. As imagens do sonho ainda eram vivas em sua memória. Já era quase final de tarde e dentro em pouco começaria a escurecer.

Olhou para o livro caído e sentiu vontade de continuar a ler e precisava se apressar pois a luz ainda não tinha voltado. Leu quase por toda a tarde e noite até a hora de dormir. No jantar, a mesma coisa. O menino não arredava os olhos do livro. Os pais

olhavam desconfiados. Primeiro, acharam que Manuel estava meio doente: um desses ares que entram, como diz a avó.

- *Manuel, Manuel, meu filho, fala com a mamãe, você bateu com a cabeça? Fala meu filho, fala! A mãe gesticulava, balançava os braços, limpava as mãos no avental e voltava a gesticular.*

- *Para de me sacudir mãe!*

- *É que você vive com essa cabeça no mundo da lua, menino.*

- *Acho que a senhora está exagerando mãe.*

- *Estou exagerando nada, eu sou a tua mãe.*

- *Pai, fala pra mãe que eu quero ler meu livro em paz.*

- *Mulher, deixa o menino ler o livro dele.*

- *Pai, por que o senhor está com esse sorrizinho de Mona Lisa sonsa para a mamãe?*

- *Que sorriso menino?*

- *Então, pelo menos deixa eu acender uma vela no meu quarto?*

- *Não vê que isso estraga as vistas, menino! Vai acabar ficando igual teu pai. Lendo, lendo...*

8:37 da noite: Por fim, puseram a tal vela no quarto. Preferiram deixar o Manuel ler em paz seu livro. O que quer que tivesse acontecido, não podia ter tido melhor resultado. O Manuel deitou-se na cama. Dessa vez deixou o livro aberto sobre a barriga. Ficou olhando para o teto branco. Ficou assim por um tempo, entornando seus grandes olhos castanhos na imensidão branca do teto. Uma espécie de preguiça tomou conta dele. No momento em que fechou os olhos tudo voltou e o ruído das

gotas batendo na janela foi ficando cada vez mais distante. Quase chegou a pegar no sono novamente.

.... tudo voltou a ficar escuro....e de repente as mesmas vozes de antes foram ouvidas. umas imagens também foram se formando em sua cabeça... viu uma árvore carregada de frutas maduras, pareciam laranjas. não, eram vermelhas. não podia ser, uma laranja não é vermelha. sim, pareciam maçãs. eram maçãs, e ele flutuava bem de levinho pelo ar tentando chegar perto delas. quando foi chegando bem perto da copa da árvore, tentou pegar uma das frutas, desequilibrou-se, elas bateram asas e voaram como borboletas. era um mar de cores viajando pelo céu azul. no meio do céu viu um balão as vozes do dr. fergusson com sua luneta e de kennedy, ao longe, com os dois, da borda do balão, apontando para baixo, é um menino, na sua direção, é um menino... até que felizmente o menino em queda enganchou na âncora do balão. o dr. fergusson o viu e começou a içar a âncora. o mais constrangedor de tudo não era nem tanto o fato de que naquele dia ele tinha uma cueca furada, mas o mais constrangedor era que aquela justamente era a cueca com florzinhas que ele tanto odiava...

O mais constrangedor de tudo não era nem tanto o fato de que naquele dia o Manuel usava uma cueca furada, mas o mais constrangedor era que aquela era justamente a cueca de florzinhas que ele tanto odiava.



...eles o resgataram, e logo o identificaram como o menino do sexto andar. deram-lhe logo as boas-vindas e informaram que já tinham passado pela ilha de zanzibar. agora estavam sobrevoando o imenso lago de ukereué, e ficou decidido que com uma boca a mais deveriam pousar no local mais propício para caçar algo e renovar os estoques de comida, àgua e frutas. assim que passaram o lago o balão foi baixando e o manuel jogou a âncora...desceram por uma escada, no topo de uma pedra e deixaram o balão no ar. caminhavam em silêncio quando um bramido cortou o ar. uma cobra rastejou no chão e quando levantaram perceberam que não era cobra nada, era a tromba de um elefante de tamanho jamais visto. o balão havia enganchado naquele elefante do

tamanho de um garrancho que acordara e já rebocava o balão para longe. o manuel não ouviu o grito do elefante pois dormia encolhidinho no meio de umas cordas, mas ouviu o tiro que o kennedy deu para o alto, para acordar o menino que ficara de guarda no balão... e que agora ia como o destino, solto no ar e meio sem tino, dessa forma sem juízo que faz rir ou chorar, para onde não se sabe a razão que o poderoso elefante inventar... mudando a rota da viagem, sem pedir licença para fazer rir ou chorar... pois não cabe ao manuel conhecer ou ver o que virá, já que no fim ninguém sabe bem ao certo onde tudo isso vai dar....

2. Domingo pela manhã

7:30 da manhã: Manuel acordou no dia seguinte e o livro estava na mesinha de cabeceira com um marcador de papel na página. Olhou para o livro e sentiu uma curiosidade em saber para onde iria o balão Vitória – afinal ele conseguira ler mais da metade do livro. Lembrava-se vagamente de uns sonhos estranhos, mas não se lembrava dos detalhes. Só sabia que as estórias emendavam umas nas outras.

Nada como um dia após o outro. Acordou com uma vontade danada de jogar *Wii*. Levantou-se e foi até a sala, onde estava a televisão. Apertou o botão. Nada. Apertou novamente. Nada. A TV não acendeu. Ligou a luz da sala e... nada. Foi até o quarto dos pais. Era domingo e os pais ainda dormiam. Voltou para o quarto. Do corredor foi até a cozinha pegar uma bolacha, olhou para o relógio do micro-ondas: o relógio estava funcionando! *Que estranho*, pensou o fedelho. Ligou a luz do quarto. Estranho: tinha luz. Estranho: toda a casa tinha luz, menos a sala onde estava a televisão. Estranho. Voltou para o quarto e ficou ali por uns minutos tentando entender aquele mistério.

9:02 da manhã: Como os pais dormiam, não tinha a quem perguntar sobre a televisão. Com a televisão apagada, não tinha nem como bater uma partidinha no *Wii*. Que tristeza. Que desolação. Fazer o quê? Abriu o livro um pouco antes da metade. Era a parte onde os aventureiros passavam por um calor insuportável, sem nem sequer uma briza amena. As reservas de água já tinham acabado, e nem adiantava

descer para buscar água pois estavam no meio de um deserto claro, infinito e solitário. Todos ardiam de sede como tochas de amarantho dentro daquele calor espantoso. Na hora do café da manhã, Manuel perguntou ao pai se um dia ele poderia levá-lo para voar de balão. O pai olhou nos olhos do filho, passou a mão de leve em seus cabelos e disse que um dia o levaria para voar de balão.

1:02 da tarde: Manuel passou toda a manhã de domingo lendo. Pela tarde teria de fazer sala para a namorada nova do tio.

Cresceu com a idéia de que um pai que sempre diz *não* acaba sendo uma coisa natural. Até chegou a pensar por um tempo que o *não* seguido sempre de uma cara emburrada tinha uma causa única na personalidade lacônica, afeita às poucas palavras do pai. Mas depois conversando com outros amigos sobre o problema percebeu que os outros pais eram muito parecidos. Na frente dos amigos, tudo bem, fazem piadas, contam coisas engraçadas, mas dentro de casa é aquela vida de regras e condicionamentos. Esta convicção não deixou de o tornar desconfiado, fazendo-o observar ao pai e à mãe antes de se dirigir a eles, mas pelo menos viu que aquilo era normal.

O tio Edvaldo, ao contrário era um tipo sempre disposto a contar histórias. Naquele domingo de tarde, os pais, o tio Edvaldo e a nova noiva do tio Edvaldo conversavam na sala. Conversa animada ao som de “Angú de Carço”, na voz do Edu Lobo. O dia continuava nublado, mas não chovia. Naquele momento Manuel aproveitou e terminou a história, fechando o livro com um certo ar triunfal em que tudo que aconteceu se misturava com aquilo que ele queria que tivesse acontecido. Ele partilhou a tristeza do Doutor Fergusson de maneira um tanto distinta. O Doutor ficou triste com o fim da viagem, e ele com aquele sentimento inédito e diferente do fim de um livro bom. Não era bem uma conversa o que ele ouvia vindo da sala, mas apenas frases soltas, espaçadas, com repetições e incongruências misturadas com o cheiro de café. Na verdade, nenhum deles prestava muito atenção às palavras um do outro. Manuel

sempre pensou que quando as pessoas ficavam tristes, choravam com lágrimas que escorriam pelo rosto, como quando a mãe chorou abraçada ao tio Edvaldo quando perderam o Vô Manuel. Os dois choraram abraçados. Ou melhor, lembrou-se que o tio Edvaldo não chorou, e isso o intrigou. *Deve ser por que algumas pessoas choram para dentro*, ele pensou. O Doutor Fergusson estava triste pois teria de pensar logo numa nova viagem. Aliás, foi nesse dia que o Manuel percebeu que tinha o mesmo nome do avô, já que ele sempre pensou que o avô se chamasse de fato, Manolo. O menino ficou pensando no dia em que o avô morreu. Sua mãe recebeu a notícia e ficou muito triste. Foi para o quarto e ficou lá dentro por muito tempo.

Manuel se dirigiu para a sala. Os adultos estavam numa conversa de adulto, na certa falando mal de alguém. Nesse momento, no espaço dos passos que iam do quarto à sala, o menino já nem sequer estava preocupado se a vida era curta pra uns, ou longa demais para outros. Sentou-se ao lado do tio Edvaldo, que abraçava sua nova namorada, todo expansivo. Era a sua chance.

- *Tiô, dá um dinheiro aí?*

O tio quase meteu a mão no bolso. Mas o pai...

- *Passa daqui, menino!*

... e o tio bem que gostou da providência do meu pai, pois colocou rapidinho o dinheiro no bolso. Na certa ele não estava com vontade de dar o dinheiro coisa nenhuma, mas é que não ficava bem negar dois dinheirinhos assim, perto da nova namorada. E resolveram dar uma caminhada. Ou melhor, a mãe e a namorada do tio Edvaldo resolveram ficar em casa, conversando.... e eles resolveram fazer uma caminhada nas ruas do bairro. . Tio Edvaldo e seu pai, que falava pouco, foram conversando coisas de adultos. O menino pegou um graveto e ia combatendo contra árvores e plantas, monstros perigosos que apareciam no caminho. A certa altura, perguntaram ao menino que livro era aquele que ele tanto leu nos últimos dias. Eles não somente recontaram a estória do livro “Cinco Semanas num Balão”, mas a contaram por outro prisma. Como todo o bom contador de estórias, o tio Edvaldo desorganizou ainda mais os sonhos do menino. O Manuel ainda não tinha a noção de que, assim como num sonho, a vida

tampouco faz o menor sentido. Na certa, o tio Edvaldo sabia bem do que se tratava aquela estória cheia dos ardis e sutilezas que consideram o Ocidente com o sujeito da história Universal, a criança que sempre tem a razão por que é a dona da bola. Na certa, o pai também sabia que a viagem do livro de Julio Verne justificava uma série de questões presentes nos dias de hoje, como as coisas ruins na política, na geopolítica, nas disciplinas dos saberes, na idéia de Oriente e na contradição em que se vêem um no outro. Mas eles resolveram não falar nada disso. Naquela caminhada pelas rua do bairro, onde pai e cunhado caminhavam lado a lado com o menino, e mesmo sendo seu pai um lacônico e seu tio Edvaldo um falastrão, ambos secretamente concordavam que, já que a verdade e a mentira são coisas que se misturam, e que se em determinado momento da vida temos a chance de tocar o coração das pessoas e não o fazemos, distorcemos algo nessa coisa intangível que é tocar com palavras os sentimentos que se tornam mudos à palma da mão.

11:36 da noite: ... lá vai o balão com o menino onde dos pássaros resta o segredo do vôo. novamente um hálito de céu a encher o vazio do seu sono: numa alegria sem âncora, que de tão real propõe-se um sonho, como o de uma criança dando outro nome às coisas. neste sonho, porto, destino, abrigo, onde o tempo demora a passar, o doutor fergusson avista algo que talvez seja impressionante, fala de uma luz, de umas estrelas, usa palavras desconexas. o vento pára. kennedy em sua ansiedade de vida a rodar: deixe-me ver, deixe-me ver! agarrou da luneta. bastava esperar um momento. lá vai a vida a rodar num raso a transbordar. Tudo começa a girar e a luneta escapa das mãos do doutor Fergusson, que não msotrara perturbação nem arrependimento. o balão segue sem destino para o dia novo encontrar.

Ironicamente, a segunda-feira pela manhã era de sol: chove no fim de semana inteiro e faz sol justo no dia de ir para a escola! Um sol de claridade avassaladora entrava pela fresta da cortina do quarto e pousava na mesinha de cabeceira onde havia um

globo terrestre em miniatura, uns soldadinhos verdes, dois bonecos de Lego, e o livro do Júlio Verne. Ele já havia acordado minutos atrás com o ruído dos pais na cozinha preparando o café, e agora olhava para o teto com ar intrigado. Minutos antes, assim que acordou, olhou para a mesinha de cabeceira e sentiu que seu coração quase havia parado em seco. Nesse momento, o pai entrou no quarto para acordar o menino, pois era hora de ir para a escola

- *Manolo, hora de acordar... filho, de quem é essa luneta dourada?*

- *Que luneta, pai?*

- *Ora, essa na sua mesinha de cabeceira, meu filho!*

Semana passada, lembrou do episódio como quem entra num mistério. O Manolo fez quarenta anos. O pai partira há alguns anos, mas a mãe, ainda viva, lhe pedira na carta para ir à casa do campo para recolher os objetos sentimentais. Leu a carta da mãe como quem lê o silêncio que há por trás das palavras que animam seu interior. Precisavam vendê-la de uma vez. Abriu a velha porta de madeira verde emperrada, como se desfecha um sonho perdido. Parou sob o portal, inerte. Olhou para interior escuro. Sabe a sombra à sua frente do seu silêncio: de repente, um asco, um medo, uma vontade de entrar, um grito gago para dentro, pensou no tempo, no dia em que o velho partiu naquele verão que o viu partir, e nada mais existiu, nada em sua vida como um carinho seu, como um silêncio seu,

Que luneta, pai?

Ora, essa na sua mesinha de cabeceira, meu filho!



e nunca, jamais descobrira quem deixara aquela luneta dourada, agora empoeirada, encontrada nas tralhas do porão da Casa de Pedras, agora em ruínas.

A menina que gostava do fim das festas

Leonor Tenreiro

Ilustrações de Eugenia Nobati



A Rita era uma menina que gostava de chegar a todas as festas no meio do fim.

Entrava sem ninguém dar por ela, deambulava por salas e quartos, subia e descia escadas... sempre com pezinhos de lã e olhos de veludo.

“Quem disse que o fim de uma festa é uma coisa triste?”, pensava a Rita.

Ela gostava de ver tudo desarrumado, confeitos e serpentinas no chão, migalhas no lugar dos bolos, papéis de embrulho rasgados ou amarrotados, cadeiras de costas umas para as outras e o pó no ar, que mais parecia restos do sol a ir-se embora também, como outro convidado qualquer.

Quando entrava no fim de uma festa, a Rita bailava sem música e sentia que, de alguma maneira, aquela festa tinha estado sempre à sua espera. Era uma rainha e o seu reino era feito de silenciosas gargalhadas que ensaiavam um espectáculo só para ela.

Nunca achou piada a palhaços; irritavam-na! Sempre a tropeçar de propósito, por tudo e por nada. Além disso, tinham bocas largas, brancas e vermelhas que nunca mudavam de posição.

Gostava de trapezistas, isso sim, daqueles que conseguiam no ar o que era impossível em terra: desenhar acrobacias com a leveza de uma almofada, acordando a magia na assistência. Como não havia trapezistas nas festas, atirava almofadas ao ar e imaginava-lhes as voltas e reviravoltas.

A Rita já tinha participado no fim de 49 festas. Para comemorar a 50ª, vestiu-se a rigor. Escolheu o seu vestido amarelo de saia rodada e pôs um laçarote vermelho na cabeça.

Várias pessoas saíam da casa dos avós da Mafalda, uma menina muito mimada que vivia em frente e colecionava brinquedos como quem coleciona pacotinhos de açúcar. Três balões de cores diferentes estavam atados ao portão, anunciando o aniversário da vizinha.

Ao ver o caminho livre, a Rita entrou pelo jardim e rodopiou de alegria. “É festa, é festa!”, disse baixinho, sorrindo, enquanto agarrava nos papéis amarrotados de prendas desembulhadas à pressa. Colocou os papéis coloridos à volta do seu corpo, como se de uma roupa chique se tratasse, e começou a dançar.

De braço estendido, como tinha visto a gente crescida fazer, a Rita não parecia estar sozinha; ora era uma senhora, ora o seu distinto par. Para melhor fazer de homem, a Rita tirava o laço da cabeça e colocava-o ao pescoço. Um verdadeiro cavalheiro, que, no final de cada dança, fingia beijar a mão da bailarina, curvando-se numa vénia bem ensaiada.

No meio da dança, afastou com o pé uns almofadões coloridos, amontoados junto a um velho cedro. Para sua surpresa, encontrou um rapaz, entretido a ouvir música no seu *ipod*. A Rita gritou, dando um salto para trás, e perguntou, com a voz meio a tremer:

- Q-q-q-quem és tu?

O rapaz estava tão espantado como ela:

- Sou o Lucas... E tu?

- Rita! O que é que estás aqui a fazer?



- Escondi-me aqui... a ver se fugia da confusão!... Estou à espera que os meus pais me venham buscar... Já se foram todos embora?
- Estou cá eu, como podes ver!... Mas estavas a fugir de quê? – perguntou a Rita, sentando-se ao lado do Lucas.
- É difícil explicar... eu gosto é do princípio das festas! Aí é que é divertido! Está tudo bem enfeitado, os bolos ainda estão inteiros... A meio, fico cansado de tantos balões, cantigas e gritarias! E o fim... ui, o fim é insuportável!!
- Que engraçado! Eu gosto é do fim! Sabias que eu já apanhei o fim de 50 festas? É tão bom entrar de mansinho num espaço vazio onde já estive tanta gente! Tens mais espaço para dançar, podes inventar coisas para fazer, imaginar convidados, jogos, conversas...
- Mas agora está tudo tão vazio e tão triste... Não há ninguém para brincar... Que piada é que isso tem?

Foi então que a Rita amarrotou os papéis que tinha presos à cintura e os deitou sobre a cabeça de Lucas. O rapaz pôs de lado o *ipod* e começou a atirar-lhe com almofadas. Olharam um para o outro. Começaram a rir, primeiro, baixinho, depois, alto, e cada vez mais alto. As gargalhadas deram lugar a soluços e os dois tiveram de limpar os olhos de tanto chorar a rir.

Brincaram, cantaram, rebolaram, jogaram à apanhada e às escondidas, rebentaram balões e enrolaram-se em serpentinas. E, quando até já alguns meninos da vizinhança começavam a entrar naquela festa, chegaram os pais do Lucas para o levar para casa.

O início e o fim da festa interrompidos mesmo a meio!

O que vale é que o princípio de uma amizade não tem fim!

The little girl who enjoyed the end of parties

Leonor Tenreiro

Inês Silva (English version)

Illustrations by Eugenia Nobati



Rita was a little girl who liked to arrive in the middle of the end of every party she went to.

She walked in without being noticed, she wandered about in every room, went up and down the stairs... always tiptoeing around with her velvet eyes.

“Who said that the end of a party is a sad thing?”, wondered Rita.

She liked to see everything upside down, confetti and streamers on the floor, cake crumbs instead of cakes, wrapping papers all torn or crumpled, chairs with their backs turned to each other, dust in the air, as if tiny bits of the sun itself were also leaving, like any other guest.

When she finally got at the party, right at the end, Rita danced without music and, somehow, she felt that the party had always been there waiting for her. She was a queen and her kingdom was made of silent laughter, which rehearsed a show made just for her.

Clowns were no fun at all; they annoyed her! They were always stumbling on purpose, for no reason. Besides, they had large mouths, white and red, which barely moved.

She enjoyed trapeze acrobats, those who made things in the air which seemed impossible on the ground: as light as feathers, they flew up in acrobatic drawings, thus awakening some kind of magic in the audience. But as there were no trapeze acrobats, she threw a cushion in the air and imagined its feathers flying loose like pirouettes on a trapeze.

Rita had already attended the end of 49 parties. So she dressed up to celebrate the 50th. She chose her yellow dress with a flared skirt and put a red bow on her head.

Most of the guests already leaving Mafalda’s grandparents’ house. Mafalda was a spoilt little girl who lived in front of her and who collected toys as sugar packets. Three balloons of different colours were tied to the entrance gate, announcing her neighbour’s birthday party.

When she saw the path was clear, Rita came into the garden and twirled joyfully. “It’s party time, it’s party time!”, she murmured smiling, as she grabbed the papers of unwrapped gifts. Then she wrapped herself up in the colourful papers, as if they were fancy clothes, and started to dance.

Her arm stretched out, like she had seen grown-ups do, Rita didn’t seem to be alone; now she was a lady, then she was her male partner too. To play the man’s role, Rita took the bow from her head and tied it around her neck. That was a true gentleman, who, at the end of each dance, pretended to kiss his partner’s hand, whilst bending gently in a well-rehearsed bow.

In the middle of the dance, she removed with her feet some large coloured cushions, piled up by an old cedar.



For her surprise, there she found a boy who was quite amused listening to his *ipod*. Rita screamed and jumped back! Then she asked him, in a trembling voice:

- W-w-w-who are you?

The boy was as much astonished as she was:

- I am Lucas... And you?
- Rita! What are you doing here?
- I am hiding... to escape from all that hubbub!... I'm waiting for my parents to pick me up... Is everyone gone already?
- I am still here, as you see!... But what are you escaping from? – asked Rita, sitting next to Lucas.
- It's hard to explain... I only like the beginning of parties! That's the funniest part! All is well decorated; the cakes haven't yet been cut... when it comes to the middle, I feel tired with so many balloons, songs and yelling! And the end... uff, the end is unbearable!!
- That's funny! I only like the end! Do you know I've already attended the end of 50 parties? It feels so good to come smoothly in an empty space where so many people have been! You have more room to dance, you can make up things to do, imagine the guests, their games and talks ...
- But now all's empty and sad... There's nobody to play with... How can it be fun?

It was then that Rita crumpled the papers she had tied around her waist and threw them over Lucas' head. The boy dropped his *ipod* and started to throw the cushions at her. They looked at each other. They started to laugh in a low voice, but then they went louder and louder. Eventually, laughter gave way to hiccups and both children had to wash their eyes for having laughed to tears.

They played and sung, they rolled over, played tag and hide-and-seek; they burst balloons and coiled themselves up in streamers. And when some of the neighbourhood children started to come over again, Lucas' parents arrived to take him home.

The beginning and the end of the party were interrupted quite in the middle!

The good thing is that the beginning of a friendship never reaches an end!

Disclaimer: This story hasn't been published. Text and Illustration rights belong respectively to Leonor Tenreiro and Eugenia Nobati. For further information, please contact info@illustopia.com.

POIS!

Isabel Pereira Leite

Ilustração de Filomena Vasconcelos



Devagar, muito devagar, olho em redor. O torpor que me invade não se dissipa logo. Acordo de um sono, não sei se breve, se longo, que ainda sinto colado a mim. Tento disciplinar os cabelos que me tapam os olhos. Com alguma determinação consigo mantê-los abertos.

Não percebo onde é que estou. Não conheço o lugar. Não há paredes, nem tecto. Também não há janelas, nem portas. Nem móveis, nem nada. Será o quê, este lugar? E no entanto...

Esboço um movimento. Quero levantar-me.

“Onde é que vais?”, oiço uma voz sem dono. “É a mim que procuras?”, pergunta outra. “Estava à espera que acordasses!”, alguém exclama. “Apetece-te um chá quente?”, indagam atrás de mim. “Falaste enquanto dormias, sabias?” “Gosto das tuas galochas, mas não foi boa ideia adormeceres com elas calçadas.” “Afinal, como te chamas?” “E quantos anos tens?”

Ó que tagarelice! Mais! Que cacafonia! Decididamente, já me sinto acordada. Onde é que acordei é que não percebo de todo! E as vozes continuam. Só perguntas!

“Tens um anel engraçado no dedo! É coisa mágica?” “O que é isso que tens no pulso?” “Por que é que tens essa tatuagem na nuca?”

Meu Deus, como são cansativos!!!

“Acreditas nos seres invisíveis?”, pergunta, bem perto de mim, uma voz suave.

Faz-se silêncio. Até que enfim! Parece que vou poder responder. Viro-me para o lado, mas continuo sem ver ninguém. É estranho!. Parece que à minha volta só há letras, ou melhor, palavras. É fantástico! Palavras em três dimensões. Começo a perceber. Estou dentro de um livro. Bem me queria parecer que o ambiente tinha algo de familiar... Acordei dentro de um livro!!! E não acordei sozinha.

“Então, sempre queres um chá, ou preferes um chocolate quente?”

Agradar-me-ia mais, mas nem me deixam responder.

“Sabes quem é que cá está?”

“Não, não faço a mínima ideia.”, consegui retorquir de chofre.

“Amigas nossas que, se calhar, não conheces: a Alice, a Sofia e a Dorothy.”

“Pusemos-lhes nomes: a curiosa, a asneirenta e a aventureira.”

Começo a perceber. “Conheço sim, e muito bem!”

“Ah!”, responde-me um coro afinado. “E donde?”

“Donde? Do tempo em que tinha a idade delas, claro!”

“E o Capitão Gancho, o Lex Luther e a Maga Patalógica?” “Já ouviste falar da Terra do Nunca?” “E de Avalon?” “E de Nárnia?”

Credo, que não me dão tréguas! “Párem! Párem por um bocado! Não sabem ouvir? Eu também quero fazer perguntas, sabem? Até sou bastante perguntadora.”

“Por acaso tens ar disso. O que é que queres saber?”

“Quero saber se sempre me trazem um chocolate quente. Apetece-me uma chávena bem cheia. Ah! E biscoitos Wunderba. Há por aí?”

Silêncio. Aleluia! Parece que consegui calá-los!

“Biscoitos Wunderba? O que é isso?”

“São biscoitos folhados com recheio de maçã e canela. São ótimos com chocolate quente! Gosto muito deles, talvez por ter uma costela alemã. Em meados do século passado, existiu na minha família uma rapariga muito especial chamada Anne. Escreveu um diário.” Boa! Consegui dizer isto tudo sem que me interrompessem!

“Não! Aqui não há nada disso, mas, às tantas, encontras biscoitos desses na loja dos Irmãos Grimm, que fica um bocado distante.” “Queres scones? Com manteiga e compota?” “Ou preferes bolo inglês?”

“Fico bem com o chocolate. Venha ele!”

“Cruella, traz um chocolate quentinho para a nossa nova amiga, sim?”

“Era o que me faltava! Não sou criada de ninguém!”

“Não mudas mesmo, nem um bocadinho! Uma chata, é o que tu és!”

“Ouve, chove muito no lugar de onde vieste?” “Ainda não tiraste as galochas.” “Estás habituada a andar sempre com elas calçadas?” “Aqui só chove de noite. Durante o dia está sempre sol.”

“Deve ser agradável, mas um tanto enfadonho, não?”

“Para nós é aborrecido, porque a luz natural faz mal ao papel. É uma lástima!” “É! Precisamos de guarda-sóis o ano inteiro.” “E só podemos ir à praia de manhã cedo ou ao fim da tarde.” “Procuramos a sombra sempre que saímos, mas cada vez há menos árvores...”

“Alto! Ora escutem lá! Sabem que sem árvores não há papel, ou não sabem? E sem papel vão viver para onde?”

“Claro que sabemos! Só achamos é que por cada árvore que se abate, se devia plantar outra. Ficava o assunto resolvido!”

Espertinha, esta gente, sempre com resposta para tudo. Para tudo não: “Ei! O meu chocolate, afinal? Daqui a pouco vou-me embora.”

“Acho que um chá é melhor.” “Podes escolher o chá que te apetecer. Temos todos os chás conhecidos.”

“Então um chá de pétalas de rosa.”

“Olha que o de jasmim com ervas danadinhas é especialíssimo.” “Uma invenção do Ratatouille. Alguma vez provaste?”

“Nunca! Nem sabia que existia. Aposto nesse.”

“E bicos de pato com queijo e fiambre? Quantos queres?”

“Dois, por favor.”

“Cruella, trata disto?”

“Já disse que não sou criada de ninguém!”

“Sua parva!”

“Conheces a Nanny McPhee?” “Conheces a Mary Poppins?” “Conheces a Maria von Trapp?”

“Conheço, conheço e conheço.”

“Interessantes, as tuas respostas! Ou te estás a armar em sabichona, ou és mais velha do que pareces.” “Explica-te melhor.”

“Sou o que sou e pronto!”

“Vejam, toda a gente conhece Metrópolis, Oz e Hogwarts. Tu, por acaso, já lá estiveste?”

“Estive sim, há muito tempo... E no País das Maravilhas também!”

“E naquele lugar do outro lado do espelho? Fica longe daqui.”

“Nesse ainda não. Ouvei dizer que é para pessoas mais velhas do que eu.”

“Hmm! Se disseses que sim, a gente não ia acreditar.” “Uma vez juntou-se aqui um grupo muito giro: Jack Sparrow, Luke Skywalker e Harry Potter. Não chegámos bem a perceber o que diziam, mas entendiam-se entre si.” “Foi pouco depois disso que, de repente, surgiu uma tempestade terrível e estivemos prestes a voar daqui para fora!” “Três amigos ajudaram-nos. Mal os conhecíamos, mas safaram-nos de boa, ai safaram, safaram!”

“Ah sim? E quem eram esses heróis?”

“ET, Mogli e Peter Pan.” “E depois apareceu uma rapariga loira de saias compridas e chapéu de fitas, chamada Ana. Vinha do Sião e andava sempre às voltas com os filhos do Rei.” “Uma porção deles! Deram-nos uma boa ajuda, ai deram, deram!”

“Conheço-a perfeitamente!”

“Puxa! Afinal, quem és tu?” “A mim pareces-me uma pretensiosa, juro!”

“Se me tivessem deixado responder, já lhes teria dito há muito tempo.”

“Não dá! Nós somos tantos e tu és só uma.” “Tens que entender que aqui é assim.”

“Aqui acontece tudo ao mesmo tempo.” “Além disso, tu podes entrar quando te apetecer.” “Nós temos que aproveitar, percebes?” “Pode passar muito tempo sem que nos visitem...” “Sabes, é uma questão de sobrevivência!”

“Ah! Estou a ver! Precisam de gente como eu para se manterem vivos.”

“Não!!! Não é nada disso!!! Que petulância a tua! É exactamente o contrário! Não percebeste ainda que está tudo nos livros?!”

COMISSÃO EDITORIAL / EDITORIAL COMMITTEE

Filomena Vasconcelos



Associate Professor of English Literature
Department of Anglo-American Studies
FLUP University of Porto
Professora Associada de Literatura Inglesa
Departamento de Estudos Anglo-Americanos

FLUP Universidade do Porto.

Publicações/ Publications:

Ricardo II, de William Shakespeare. Tradução, Introdução e Notas de Filomena Vasconcelos. Campo das Letras, Porto, 2002.

O Conto de inverno, de William Shakespeare. Tradução, Introdução e Notas de Filomena Vasconcelos. Campo das Letras, Porto, 2006.

Imagens de Coerência Precária. Ensaios breves sobre linguagem e literatura.
Campo das Letras, Porto, 2004.

Considerações Incertas. Ensaios sobre linguagem, literatura e pintura.
Campo das Letras, Porto, 2008.

fvasconc@letras.up.pt

Maria João Pires

Associate Professor of English Literature
Department of Anglo-American Studies
FLUP University of Porto
Professora Associada de Literatura Inglesa
Departamento de Estudos Anglo-Americanos
FLUP Universidade do Porto

mariapires@netcabo.pt

Abbye Meyer

Univ. Connecticut, USA

**Ana Teresa Magalhães**

FLUP, Portugal

Nasceu no Porto em 1983. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Anglo-Americanos pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a mesma onde se encontra a frequentar o Mestrado em Estudos Anglo-Americanos, variante de Tradução Literária. As suas áreas de interesse são a Literatura, a Música, os Estudos da Tradução, o Cinema e o Teatro.

**Cláudia Morais**

FLUP, Portugal

Nasceu no Porto, em 1986. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas – variante de Estudos Anglo-Americanos na Faculdade de Letras da Universidade Porto.

Atualmente frequenta o Mestrado de Estudos Anglo-Americanos, variante tradução literária na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Os seus principais interesses são: literatura, música, cinema e desporto.

AUTORES / AUTHORS

EXPOSIÇÕES / EXHIBITIONS

Brazão, Leonor Alvim

Nasceu em Lisboa, Portugal. Em 1975 mudou-se para o Brasil onde estudou dança, música e completou o curso de Comunicação Visual na Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Mackenzie. Em 1988 regressa a Portugal onde inicia uma carreira em publicidade como graphic designer e directora de arte. Como criativa trabalhou em diversas multinacionais tais como a J.W.Thompson, Comunicar e BATES Portugal. Em 1998 mudou-se para os EUA onde continuou a desenvolver a sua carreira artística e a expor regularmente pelo país. Em Dallas, Texas, foi seleccionada para a exposição inaugural do Latino Cultural Center com o seu trabalho "Frutas do Brasil". Desde que mudou para a Virgínia trabalha para uma companhia de educação de arte para crianças, onde é a artista em residência. Em 2008 teve dois trabalhos seleccionados para serem expostos permanentemente nas ruas de Washington, DC. Em 2010 foi uma das artistas seleccionadas para representar Portugal na colecção da Fine Arts 2010 criada para celebrar a copa do mundo realizada na África do Sul. Recentemente ilustrou um livro de contos para crianças sobre a tradição oral portuguesa e também participou no livro Planet Earth Planet Art publicado pelo grupo de arte MIRCA. Leonor tem trabalhos em diversas colecções particulares e públicas no Brazil, Portugal, Holanda, Alemanha e EUA.

106 Glade St., Sterling, VA 20165

Tel: 703 286 5502 – Cell: 703 342 7185

leonoralvim@comcast.net

www.brazao.com

Brazão, Leonor Alvim

Leonor Alvim Brazão was born in Lisbon, Portugal. In 1975 she moved to Brazil where she studied Dance, Music and obtained her degree of Visual Communication from Mackenzie University. Back in Portugal in 1988, she started an advertising career as a Graphic Designer and Art Director. She worked in several multinational companies such as J.W.Thompson, Comunicar and Bates Portugal. In 1998 she moved to the US where she continued to develop her artistic work exhibiting regularly. In Texas Brazão was selected for the inaugural exhibition of the Latino Cultural Center in Dallas. Since living in VA she is working for Abrakadoodle, an art education company, where she is the artist in residence. In 2008 Brazão had two works selected to display permanently in the streets of Washington, DC. In 2010 Leonor Brazão was one of the selected artists to represent Portugal for the Fine Arts 2010 collection held in South Africa during the World Cup. Recently, Brazão illustrated a children's book about Portuguese traditional stories and participated on the book Planet Earth Planet Art published by the Mirca Art Group. Brazão has works in several private and public collections around the world: Brazil, Portugal, Netherlands, Guatemala, Germany, and USA.

SELECTED EXHIBITIONS

- Portuguese Brazilian Festival – NY, NY, 2011
- 2010 Fine Arts Collection World Cup – South Africa, 2010
- 2010 Fine Arts Collection World Cup – Galerie in Berlin, Germany, 2010
- 9-Ostra Gymnasiet- MTHR- Mirca Art Group -Trangsund, Sweden, 2009
- Gallery Tunedal-VIOart-Mirca Art Group - Trangsund, Sweden, 2009
- Embassy of Portugal – collective, Washington, DC, 2009
- Biggs Museum – collective show, Dover, DE, 2009
- Twice Removed – Boston Library, collective, Boston, MA, 2009
- Strathmore Mansion – Girls Gotta Run, collective show, Bethesda, MD, 2008
- Public Art–artists selected for two call boxes, Washington, DC, 2008
- Cultural Institute of Mexico – Diaspora, collective show, Washington, DC, 2007
- Katzen Arts Center, American University - Leadership initiatives, collective show, Washington, DC, 2007
- Phoenix Gallery - Girls Gotta Run, collective show, NY ,NY, 2007
- Hall of Americas – Remarte 2007, collective show, Washington, DC, 2007
- Smith Parada Gallery, Georgetown, solo show, VA, 2007
- Embassy of the Bolivarian Republic of Venezuela, collective show, Washington DC, 2006
- Artworks Gallery & Studio, collective show, Reston, VA, 2006

- Artworks! Gallery, collective show, New Bedford, MA, 2005
- Bath House Cultural Center – Dia de Los Muertos, collective show, Dallas, TX, 2004,2005
- Bath House Cultural Center – Loteria, Loteria! (DOS), collective show, Dallas, TX, 2004
- Bath House Cultural Center – Sin Tema, collective show of Latino artists, Dallas, TX, 2004
- Latino Cultural Center – Inaugural Exhibition, collective show, Dallas, TX, 2004
- Artencounter Gallery, collective show, Richardson, TX, 2002
- ICEP - Portuguese National Tourist office, solo show, New York, NY, 2001

Articles, Publications and Interviews

- Histórias da Tia Lenita – Illustrator - 2010
- Allquor Magazine – 2010
- Planet Earth Planet Art – Mirca Art Group, 2010
- Mirca Art Group: 10 Dec 1948, 2009
- Luso Americano Newspaper - 2001, 2006; 2007;2008;2009;2011
- Loudoun Connections – VA, 2006
- Plano Television Network – Plano Portfolio – January 2005
- Plano Television Network - 3 generations of art, Things with Wings Art show – April, June 2004
- The Gazette – May, 2004
- Latino Cultural Center - Inaugural Exhibition – catalogue – September, 2003
- Plano Star Courier – June 2003; April 2004
- The Telegraph – July 1999; Dec 1999; Jan 2000; May 2000; Jan 2001; May, 2001
- The Amherst Citizen – May, 2000
- 24 horas – May 2001; October 2009; April 2011
- Portuguese Times – August 1999
- The Broadcaster – May, 2001

Education: B.A. Visual Communication – University of Communication and Arts, Mackenzie

Sao Paulo – Brazil

Tanco, Miguel



(Badajoz/Spain, 1972)

Miguel Tanco started his career, as an illustrator for children books, after having left the sunny city of Seville, where he has accomplished his University Graduation, to cross the Atlantic Ocean and reach the Big Apple. There he had a superhero double-life: working daytime in an office and studying illustration by night, at the School Of Visual Arts, in disguise with a scarf, a hat and a big coat, as New York winter is very windy.

At SVA he met other superheroes, younger and elder. These last ones taught him old battles as how to fight on the children book market. Back to Europe, he attended courses of Etching (Italy) and other illustration courses with Octavia Mónaco, Linda Wolfsgruber, Beatrice Alemagna, Gabriel Pacheco and Katsumi Komagata. Finally, he decided to move his superhero life to Milan.

In his work, Miguel uses a mixed media technique with acrylics, oil, watercolours, collage and monotype. To date, he has published around twenty illustrated books in Spain, Italy, US and Taiwan, etc with publishers as Kalandraka, Edelvives, SM, Arka Edizioni, Carthusia, Yeowon Media, etc.

Miguel's work has been recognized worldwide, having participated in many exhibitions and having been featured in some international publications, such as:

- Bologna Book Fair Illustration Show (Italy, 2010 and 2012);
- *Le immagini della fantasia* - Sàrmede International Children Illustration Show (Italy, 2009)
- *Bücher bauen Brücken* - Saarbrücken Children Book Fair (Germany, 2009);
- *Cantar e Contar* – Kalandraka's collective show (Spain, 2008).
- *5 Fabulosos Lapices* - Seregno (Italy, 2006).
- Best Illustration at the SCBWI of New York (US, 2004).
- Special guest at Andersen Magazine (Italy) and DPI Magazine (Taiwan).

From 2012, Miguel Tanco started being represented by Illustopia (www.illustopia.com), an international illustration agency based in Portugal.

ENSAIOS & TEXTOS / ESSAYS & TEXTS

Matos, Lúcia Helena Lopes

Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2006). Atualmente é professora adjunta na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, vice-coordenadora do curso de Letras, coordenadora do PARFOR – Programa de Aperfeiçoamento de Professores e coordenadora na área de Letras do Programa – do programa de Licenciaturas Internacionais em parceria com a Universidade de Coimbra. Tem experiência na área de Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: linguística, leitura, ensino da língua portuguesa e literatura.

STORIES FOR CHILDREN / CONTOS PARA CRIANÇAS

Gil, Renata

Renata Gil é o nome literário de Maria Sofia Dias Rodrigues, nascida em Lisboa a 3 de Abril de 1923.

No Curso Superior de Piano, no Conservatório Nacional teve como professor o grande pianista Varela Cid.

Com vinte e três anos casou e veio para o Porto, onde, na Faculdade de Letras se licenciou em Filologia Românica, tendo leccionado Português no Ensino Secundário até 1993, ano em que se aposentou.

Teve a alegria de ouvir alguns alunos dizerem: “Eu não gostava de Português e agora já gosto!”

Para crianças tem quinze livros publicados e outros esperando publicação.

Isabel Alçada pediu-lhe autorização para publicar D. Tartaruga Huga no computador Magalhães. Um aluno de uma das muitas escolas para as quais é convidada disse-lhe que está na segunda série. Para adultos tem comunicações que apresentou em Congressos, textos em revistas e boletins e em livros com outros autores, e, em vias de publicação, o livro Os Árabes na Península Ibérica e outro sobre Inês de Castro e a Sua Época Histórica.

Tem agora “em mãos” a História do Teatro e um trabalho sobre o princípio da nossa nacionalidade.

Foi membro do júri de um Concurso de Poesia organizado pela Junta de Freguesia de Fânzeres e de um concurso de contos escritos por crianças, organizado pelo jornal O Gaiense. Concedeu entrevistas à R.T.P. nos programas Às Dez, Bom Dia, Eterno Feminino, Mulher e Praça da Alegria, e, à Rádio, Renascença de Lisboa e do Porto, à R.D.P. Antena Um, à Rádio Comercial S.A., à Rádio Festival, à Rádio Clube de Gaia, à Rádio Clube de Matosinhos, à Rádio Placard, Lda., à Rádio Press e à Rádio Clube da Feira.

Tem um site na Universidade do Minho.

Convidada pela Assembleia da República, esteve presente na Cerimónia de Trasladação de Aquilino Ribeiro para o Panteão Nacional, e, pelo Presidente Jorge Sampaio na comemoração do Dia da Mulher, em Braga.

Cedeu os direitos de autor de Na Quinta dos Sabugueiros à AMI, os de Férias na Galiza à Unicef e os de A Menina Zig-Zag a uma Organização de Protecção à Criança na ilha de S. Miguel nos Açores, onde será publicado.

É membro da Secção Portuguesa da Organização Internacional para o Livro Infantil e Juvenil (IBBY), da Associação dos Escritores de Gaia, da Associação Portuguesa de Escritores, da Sociedade Portuguesa de Autores, da Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto, da Associação Amigos de Gaia e da APIHM.

Como ler e escrever é o que mais gosta de fazer, vai continuar, enquanto por cá andar...

Leite, Isabel Pereira

Nasceu no Porto, em 1958.

Estudou História na FLUP e fez uma “incursão” na FLUC, a qual lhe permitiu voltar à Casa-Mãe, onde ainda hoje trabalha como assessora principal das bibliotecas e documentação, nome pomposo que é usado para designar os outrora ditos bibliotecários.

De vez em quando publica uns textos.

É principalmente mãe e “gestora do lar”.

Faz colares e cola cacos de objetos partidos, ao som de música antiga. Acima de tudo gosta muito de ler e de conversar. Está convencida de que o Paraíso deverá ser

um sítio onde, finalmente, se terá tempo para ler tudo aquilo que se gostaria de ter lido, mesmo os livros de cuja existência nem sequer se suspeitava...

Tem o privilégio de trabalhar num lugar onde lhe agrada chegar todos os dias.

Acredita que a vida é um dom e tenta vivê-la de consciência tranquila, o que nem sempre é fácil.

Acredita, também, que a sua principal riqueza são os outros e que quase tudo devemos a quem por cá passou antes de nós.

Por uma questão de comodismo, adotou um lema de vida que tem passado, na sua família, de geração em geração: “Não me importo que façam de mim parva, desde que saibam que eu sei e estou a deixar..., mas atenção, pois há limites.”

ileite@letras.up.pt

Rogido, Francisco

Nasceu no Rio de Janeiro e mora há onze anos nos Estados Unidos. Tradutor e escritor, já trabalhou na Oliveira Lima Library e na Biblioteca Digital Mundial (WDL) da Library of Congress/UNESCO. Foi um dos dez finalistas do Prémio da Jovem Literatura Latino-Americana da Alliance Française de São Paulo-Brasil/2008 e já teve contos publicados na Revista Cult (Brasil) e Agália (Galiza/Espanha). Colaborador frequente da página portuguesa Pnet Literatura. No momento, prepara seu primeiro livro infantil em inglês.

email: francisco.rogido@gmail.com

Tenreiro, Leonor

A escrita está na sua vida desde sempre. Já foi jornalista, guionista e assistente editorial, mas é a escrever livros para crianças e a contar histórias que mais realizada se sente.

Publicou recentemente um livro para crianças, O Homem Que Ia contra as Portas – cuja ilustração foi premiada no Festival Amadora de BD de 2010 –, e tem vindo a apresentá-lo em livrarias, bibliotecas e feiras do livro pelo país.

Depois de integrar o CLIC! (Clube de Literatura, Ilustração & Companhia), foi como animadora do MUS-E (Associação Menuhin Portugal), que começou a (des)orientar oficinas de escrita criativa, em 2003. Desde então, deixou-se contagiar pela

imaginação e criatividade das crianças. Se escrever histórias era bom, vê-las nascer por outras mãos revelava-se ainda melhor!

Actualmente, dirige a AEC (actividade de enriquecimento curricular) de escrita criativa numa escola do 1º ciclo do Ensino Básico e tem colaborado com a escola Escrever Escrever e a Livraria Cabeçudos.

Ilustrações / Illustrations

Fotografias / Photos

Gómez , Catalina

Nasceu em Bogotá, Colômbia, e mora há dez anos nos Estados Unidos. Estudou Artes Visuais e Literatura Latino-americana na Universidade da Califórnia, San Diego (Estados Unidos). Tem um mestrado em Cultura Visual na Universidad de Barcelona (Espanha). Actualmente ela vive em Washington DC e trabalha na Divisão Hispânica da Biblioteca do Congresso Americano. Paralelamente, realiza vários projetos editoriais independentes como ilustradora.

email: catgomez10@gmail.com

Gómez , Catalina

Was born in Bogotá, Colombia, and has lived in the United States for almost ten years. She graduated from the University of California, San Diego with a a double degree in Visual Arts and Latin American Literature; and she earned a masters degree in Visual Culture from the Universidad de Barcelona (Barcelona, Spain). She currently lives in Washington, DC, and works at the Library of Congress as a program assistant for the Hispanic Division of this institution. She works on her art and on freelance illustration projects on the side.

email: catgomez10@gmail.com

Nobati , Eugenia

Eugenia Nobati was born in Buenos Aires, Argentina, in 1968. After having concluded her University Studies, she has worked as a Graphic Designer until 1997.

Since then, she started working exclusively as a freelance illustrator, specifically in children books illustration, having worked for several publishing houses in Argentina, Puerto Rico, Colombia, México, Brazil, UK, USA and Spain, illustrating more than 35 titles.

Eugenia has participated in the following exhibitions:

2002 - Quiroga x 81, collective exhibition in Foro de Ilustradores de Argentina

2003 - De viajes y Viajeros, collective exhibition in Foro de Ilustradores de Argentina

2004 - Cortázar x el Foro, collective exhibition in Foro de Ilustradores de Argentina

2008 - Cuentos x Cuatro collective exhibition in Centro Cultural San Martín, Buenos Aires

Starting from 2010, Eugenia started to be represented by Illustopia (www.illustopia.com).

Oliveira, Evelina

Artista plástica, nasceu em Abrantes em 1961, vive e trabalha no Porto e em Lisboa.

Iniciou o seu percurso artístico como pintora com um trabalho de reflexão sobre a condição humana, os padrões da natureza e analogia entre as diversas formas e estruturas dos seres vivos.

É a partir de 2003 que começa a dedicar parte do seu trabalho á ilustração infantil, tendo mais de 15 livros editados com as suas ilustrações.

CV (Abreviado)

Exposições Individuais

2009."Narrativas, figurações e muitas histórias por inventar" – Biblioteca Municipal de Oeiras

2008."O cão triangular e muitas outras histórias" – Biblioteca Municipal de Oeiras e de Carnaxide

. "IMAGINARY FRIENDS" – Galeria São Mamede Lisboa

. "abril"-Exposição de ilustração no âmbito das comemorações do 25 de Abril -Círculo das Letras -Lisboa

. "AS IMAGENS DAS PALAVRAS E AS PALAVRAS DAS IMAGENS"- Fórum Cultural José Manuel

Figueiredo -Baixa da Banheira

. "IMAGENS PARA 1001 HISTÓRIAS"-Galeria do Palácio Ribamar – Algés

. "DIMENSÕES DA MEMÓRIA"-Serpente galeria –Porto

2007."Histórias aos Quadrinhos" Serpente Galeria de Arte Contemporânea Porto

"THE GOOD GIRL'S STORIES"- Galeria Quadrado -St. Maria da Feira

. Exposição de originais do livro;"Zé do Saco, o contrabandista" de Manuel Jorge Marmelo, Ed. Campo das

Letras – Museu dos Transportes e Comunicações – Porto

. ILUSTRAÇÃO – Sub-verso Galeria de arte contemporânea – Espinho

2006."INNER-INTER-PLAYS" – Serpente Galeria de arte Contemporânea – Porto

. "INNER-INTER-PLAYS" – OM Galeria arte contemporânea -Penafiel

. "NEVER WRITTEN STORIES" – Galeria Municipal do Montijo – Montijo

. "The good girl's stories" – ILUSTRAÇÃO – Serpente galeria de arte Contemporânea – Porto

Exposições Coletivas

.2009."S. João"- Exposição de comemoração dos 50 anos do Hospital de S.João no Porto- Árvore Cooperativa de Atividades Artísticas ,Porto

.ART MADRID 2008.

.1001Voltas no carrossel'- ilustração - Centro de Artes de S.João da Madeira

. XXVIII Certamen de Minicadros – Museu del Calzado – Centro Cultural de ELDA – Espanha

."ARTE pela CIDADE"- Exposição comemorativa dos 20 anos da AMI- arte na cidade do Porto.

. VII Bienal Internacional de Artes Plásticas da Marinha Grande

. I Bienal Internacional do Montijo

.1º Encontro Nacional de Ilustração no Feminino – S.João da Madeira

.ARTE LISBOA

.Galeria Beaskoa - Barcelona , Espanha

2007. ARTE LISBOA

" *Miguel Torga – Retratos e Paisagens*"-Exposição itinerante organizada pela Árvore Coop. de atividades Artísticas.

.Premio Afonso Madureira

."A arte no direito e o direito na arte"-Museu Municipal de Lamego

. Feira Internacional Do Livro -Frankfurt – Alemanha – Representação de Portugal pela Editora Campo das

Letras com o livro:"Zé do saco o contrabandista" de Jorge Manuel Marmelo

2006.Prémio de Pintura Eixo Atlântico

. ARTE LISBOA

."O Porto" – exposição temática – Galeria São Mamede – Porta

."Escolher um sentido"- organização Espaço T (instalação) -Porto

. 4ª Mostra de ilustradores do livro para a infância e juventude-76ª feira do livro do Porto

Ilustração

2006." *Chocolate à chuva*", Alice Vieira, Editorial Caminho (CAPA)

2006." *O Catitinha*", Manuela Ribeiro, Editora Campo das Letras

2006." *Zé do saco, o contrabandista*", Manuel Jorge Marmelo, Editora Campo das Letras (apoio da Fundação

Calouste Gulbenkian e Museu dos Transportes e Comunicações do Porto)

2007." *A ninfa do Atlântico a História da cidade de Lisboa*", Maria José Meireles, Ed. Campo das Letras

2007." *Zeca Afonso, o andarilho da voz de ouro*", José Jorge Letria, Editora Campo das Letras

2007." *As receitas dos nossos amigos e outros*", Vários autores, edição da árvore Cooperativa de Act. Artísticas

2008." *2008 Voltas no carrossel*"- Eugénio Roda, edições Eterogémeas

2008." *A coragem do General sem medo*", José Jorge Letria, Editora Campo das Letras

2008." *Uma história de cão*", Nuno Júdice, revista digital EFABUL@TIONS

2008." *O cão triangular*", Evelina Oliveira e Maria Leonor Barbosa Soares, Editora Campo das Letras

2008." *Considerações incertas*", Filomena Vasconcelos, Editora Campo das Letras (Capa)

Prémios

Menção Honrosa -1º prémio de pintura de pequeno formato , Alhos Vedros, 2003

1º Prémio – Prémio Afonso Madeira -III Bienal de artes plásticas da Moita, 2007

Prémio Revelação – III Bienal de artes plásticas da Moita, 2007